

A maioria dos conhecimentos teóricos que possuímos, e que baseiam a maioria das técnicas que usamos, vem de muito tempo atrás, e insensivelmente, nos deixamos adormecer sem ter vontade de revisar o aprendido usando as cinco ferramentas necessárias para ter critério próprio: Poder de observação, poder de reflexão, lógica, sentido comum e instinto.

Nos iludimos com teorias provenientes de empresas fabricantes e comerciais de implementos apícolas, editoras ao mesmo tempo de catálogos de seus produtos, disfarçados de livros de apicultura, nos quais –claro- se recomenda o uso e

abuso de quanto elemento tenha sido inventado pelos próprios ou não, onde metodicamente se enumera todo “o necessário” para ser um bom apicultor.

Catálogos que não são esclarecedores, pois o editor-autor, entre outras coisas, não faz uma análise comparativa entre os implementos, pois não quer ficar mal com nenhum dos seus fornecedores (Exemplo: “Este implemento aparenta ser melhor do que aquele, porém existem muitos apicultores que pensam o contrário”) com o conseqüente dano mental para o leitor, que pensa que o que lê é um livro técnico de apicultura; necessário para aprender, sem perceber que é um catálogo de venda.

Creemos que já é hora de que estas questões sejam discutidas, pensadas e meditadas com base nas cinco ferramentas mencionadas, porém também com o bolso (O dos apicultores, claro) que é o mais prejudicado já que o tema não está sendo tratado com o devido cuidado.

E para fazer desta maneira vejamos onde cremos que estão as incongruências, as falhas, e de que maneira estas incongruências e falhas nos levam a cometer erros nas técnicas que usamos e que nos saiam caríssimas, ainda que mais de uma vez este custo passe despercebido por crer de “pés juntos” no que está aceito como “o que deve ser” e nos deixar levar a um erro comum entre os apicultores: Mais de uma vez acreditamos que sabemos de apicultura mais que as abelhas.

### **1. A temperatura do agrupamento interno invernal**

Aqui nos reportamos a quem possivelmente tenha sido o maior estudioso do tema.

Nos referimos ao Dr. C. L. Farrar, do laboratório de Entomologia e Quarentena Vegetal do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, que escreveu um artigo e publicou no “Gleanings in Bee Culture”, em setembro de 1943 (Observem as datas), destacando-se o seguinte:

“O agrupamento interno invernal de abelhas não visa aquecer o interior da colméia.”

“Durante os anos de 1929 a 1931, o autor estudou as temperaturas do agrupamento de abelhas da colméia, registrando dados em colméias de dois corpos, equipadas cada uma com 118 ou mais pilhas termoelétricas. Se compararam colônias alojadas em colméias de paredes simples com outras de paredes duplas e colméias comuns protegidas com graus extremos de isolamento.”

“O uso de muitas pilhas termoelétricas distribuídas em colméias de dois pisos determinou o fato de que durante um período frio prolongado, a temperatura do ar que rodeia o agrupamento interno invernal de abelhas se aproximará da temperatura exterior, independente do grau de isolamento da colméia.”

“Um alvado bem reduzido é suficiente para que se formem correntes de ar suficientemente grandes para que se produzam correntes, que dissipam a pequena quantidade de calor que o agrupamento interno invernal de abelhas irradia de sua superfície.”

“o agrupamento interno invernal de abelhas produz seu próprio isolamento contra a perda de calor. A concentração isolante de abelhas muito apertadas, fechando os espaços entre os quadros e quaisquer células vazias, em um espaço que varia de 3 até 7 centímetros, o protegem exteriormente, e as abelhas mais soltas agrupadas no centro geram calor.”

Daqui se deduz que são errôneos os reiterados conselhos que se dão de reduzir o espaço da colméia no inverno com o equivocado conceito de que um espaço grande dentro da colméia esfria o agrupamento interno de abelhas. .

Este equivocado conceito induz a erros na técnica usada, como o uso do tristemente famoso “poncho”, ou o uso de uma entre tampa entre agrupamento de abelhas e as reservas de mel “para que não se esfrie o ninho.”.

Tratemos a maneira de exemplo primeiro o uso do “poncho” :

Já sabemos pelo que estudou o Dr. C. L. Farrar que as abelhas não pretendem aquecer o interior da colméia, e que a temperatura desta se igualará cedo ou tarde com a do exterior pela simples razão de que existe uma pequena abertura no alvado, e que é inútil diminuir o espaço para que ele "não esfrie”.

Tenhamos em conta agora que o agrupamento interno invernal de abelhas é constituído por seres vivos, que respiram e transpiram, criando por isso mesmo umidade.

Umidade esta que ao encontrar-se com uma lâmina de plástico necessariamente mais fria deve condensar e cair sobre o agrupamento de abelhas em forma de gotas criando excelentes condições para o desenvolvimento de micoses

(enfermidades originadas por fungos) entre outros muitos inconvenientes que poderemos imaginar agora que estamos considerando os fatos tais como sucedem na realidade.

Consideremos agora como exemplo o uso de uma entre tampa entre o agrupamento interno invernal de abelhas e as reservas de mel.

Já sabemos que diminuir o espaço não só é inútil, mas prejudicial porque a umidade gerada não tem onde condensar-se o mais distante possível do agrupamento invernal, sem causar prejuízo e para compreender como acontecem as coisas em nossas colméias.

Para conseguir evitar este prejuízo, tenhamos em conta por um momento como estão dispostas as coisas em uma colméia habitando um oco de uma árvore, ou seja em seu habitat natural onde a abelha tem claro o que precisa fazer para sobreviver desde pelo menos trinta e cinco milhões de anos.

Numa colméia natural o agrupamento interno invernal de abelhas e as crias, quando existem, sempre estão abaixo do mel e isto acontece por que o mel operculado além de ser reserva alimentícia, tem outras duas funções pouco recordadas ou pouco conhecidas:

Primeira, o mel não só serve de reservas alimentícias como a função de ajuda na calefação do ninho, tendo em vista que o quadro de mel operculado é na sua totalidade um material de alta inércia térmica (material que absorve e perde com dificuldade temperatura). Um exemplo de material com alta inércia térmica é o concreto armado e quem tem a experiência de não poder dormir debaixo de um teto deste material no verão sabe que o concreto armado absorve com dificuldade todo o calor que recebe durante o dia porem que demora muito em perdê-lo durante a noite.

Esta função de estufa é obtida pelos quadros com mel e isso explica também por que é conveniente que as colméias tenham abundantes reservas e que no inverno recebam o sol durante o dia.

Outro dado não levado em conta ou pouco conhecido é o de que o agrupamento interno invernal de abelhas faz com que a parte do quadro ocupada por ele tenha a mesma temperatura do interior do agrupamento, aproveitando desta maneira a alta inércia térmica do mesmo para ajudar na tarefa de conservar a temperatura necessária, mas também para que as abelhas possam desopercular os alvéolos que contém mel, coisa absolutamente impossível de ser realizada pelas abelhas em opérculos com alvéolos frios.

Segunda, com os quadros vazios que por sua imensa superfície são verdadeiros radiadores, que se encontram encima do ninho que é onde necessariamente vão parar os vapores de água da

transpiração, esta terá onde condensar-se sem causar dano.

Com todos estes dados poderemos compreender agora porque morrem colméias com reservas de mel quando estas estão separadas do agrupamento de abelhas invernal por uma entre tampa.

Este elemento corta o caminho do agrupamento interno invernal de abelhas para chegar às reservas e mesmo que estejam a milímetros do agrupamento, é como se estivessem noutra universo: Impossível chegar até elas sem dividir o agrupamento, que é o mesmo que uma condenação segura a morte, e desgraçadamente para amargura de todos os que tiveram, por usar uma entre tampa desta maneira, que enfrentar a metódica morte de suas colméias.

O mais triste (e já escutamos a expressão) é que isto é usado para dizer: “Por mais mel que se deixe, não o querem, morrem igual”.

Vale aqui recordarmos este sábio e antigo dito em apicultura: “As abelhas não morrem de frio, morrem de fome”.

Este é um claríssimo exemplo do que dizíamos quando afirmamos que são os apicultores que pagam o preço devido a erros aconselhados por técnica errada passada por produtores/comerciantes de equipamentos apícolas. E o que é mais triste, os que mais alto preço paga são os apicultores novos, as pessoas que a cada ano se acercam da apicultura para aprender e que cometem erros que na maioria das vezes os deixam fora da profissão de maneira definitiva, como por exemplo, as que todos os anos compram quando estão se iniciando em apicultura, extratores de mel, que na maioria das vezes nunca chegarão a usar porque não têm suficientes abelhas, e se chegam a usar será para colher as reservas inverniais de suas primeiras e por isto mesmo últimas colméias, sem saber que isso não se faz, sem pagar o conseqüente preço em morte ou enfermidade das colméias.

## **2. As reservas e as doenças – A relação entre elas**

É necessário que primeiro analisemos o conceito de Produto Orgânico:

Diz-se que um produto é orgânico quando a cadeia de sua produção não teve contato com produtos sintetizados que o contaminem, conservando sua condição de produto natural. Aqui queremos dar ênfase a palavra natural.

Ou seja, um pêssego será orgânico, quando não tenha sido contaminado em sua produção e comercialização.

Porem observemos: Um doce elaborado com este pêssego orgânico e açúcar orgânica, cuidando que na elaboração e comercialização não se contamine ¿Pode ser denominado “Doce de pêssego Orgânico? Diz a lei que sim, porem consideremos o seguinte:

Assim como o elétron é a unidade da eletricidade, e o fóton é a unidade da luz, a unidade da vida são as enzimas.

Isto é assim porque todo processo que realiza um ser vivo é um processo enzimático.

Sem enzimas é impossível que guemos um olho, respiremos, caminhemos ou pensemos, pois em cada um destes e de todos os processos da vida, é necessário um tipo específico de enzima.

Porem talvez o mais importante, sem enzimas é impossível que chegue a cada uma das células que formam nosso corpo a informação estrutural que provem desse alimento consumido assim como está na natureza: cru.

Como: exemplo:

Pensemos que o corpo vivo é o hardware (todo o que se pode tocar em um computador) e o alimento o software (todo o que não se pode tocar, como por exemplo os programas que fazem funcionar o computador)

Com esta informação estrutural, com este software (O manual se queres) cada uma dessas células

terá a informação precisa para comportar-se como é necessário e para que tudo funcione como é preciso, em fim, para que tenhamos saúde.

Pensemos que um dos processos mais importantes para nos, os seres vivos, é o processo de assimilação, sem o qual não é possível que a vida siga.

Deus em sua infinita sabedoria dispôs as coisas na natureza de modo que cada uma que possa ser convertida em alimento contenha em si mesma as enzimas que permitirão, ao ser que ingira essa coisa, poder digerir-la e assimilá-la.

Por exemplo, nos hidratos de carbono crus (como a erva) está presente a hidrolisa que é a enzima que permite que possa ser digerida. Nas proteínas cruas (como a carne crua) está a protease que permite que possam ser digeridas. Nas gorduras (tanto animais como vegetais e sempre que estejam cruas) está a lipase que permitirá que estas possam ser digeridas e assimiladas para dar saúde e vida.

E isso é o que falta aos alimentos cozidos, pois as enzimas são destruídas pelo calor. Em um exemplo do software, pensemos o que ocorreria se colocarmos a ferver um pouco o CD antes de instalá-lo no computador.

E aqui paremos e pensemos na diferença entre alimento e comestível. Muitos acham que são sinônimos porem são antônimos:

Alimento é todo o criado por Deus para que sirva para nutrir os seres vivos.

Um alimento conta não só com nutrientes (aminoácidos, minerais, enzimas, etc.), também e talvez o mais importante com informação estrutural, os elementos que brindam o ser vivo que os ingere, a entropia negativa que necessita para manter-se vivo e são.

Alimento em uma palavra é todo elemento natural que brinda a natureza e que forma parte da cadeia trófica: Vegetais, herbívoros e seus parasitas, carnívoros e seus parasitas, insetos e seus parasitas, e os que trabalham na decomposição tornando o solo fértil onde crescem os vegetais aproveitando os minerais.

E a cadeia recomeça com ele.

Comestível em troca é tudo o criado pelo homem e sua indústria. Comestível em uma palavra, é sinônimo de mastigável, e provem do final de uma cadeia de elaboração e comercialização e que pretende sem conseguir alimentar, que pretende ser comida e não é, e para que foi necessário inventar a expressão “comida chatarra”.

Comestível é algo que não existe na natureza, que não cresce debaixo do (pense se existe em algum lugar, uma árvore ou vegetal do qual caiam penduradas garrafas de refrigerantes ou os salgadinhos)

Porem comestível é também um alimento que tenha sido desnaturado pelo homem por meio do fogo (somos o único animal que cozinha o que come), cozinhado, fervendo, assando, fritando, etc., Matando as enzimas, destruindo a informação estrutural necessária para que as células desse ser vivo que o ingere continuem com vida e com saúde (o exemplo de ferver o CD).

E no interior do nosso corpo isso que ingerimos como comestível (ou seja, alimento destruído pelo fogo ou produzido pela indústria que sistematicamente destrói as enzimas, é tratado como tóxico pois outra coisa não é.

E esses tóxicos nos desequilibram, nos estressam, nos debilitam, criando as condições para que as enfermidades se desenvolvam livremente.

Observando os Hospitais abarrotados, veja você mesmo, que se utiliza de uma clínica privada, fazendo fila para sacar número igual que nos Hospitais Públicos dos quais pretendeu fugir, para justamente, não pegar filas.

O convidamos a pensar se será bom comer algo que simplesmente não se deixa perder porque está morto e convertido em algo plástico que não tem vida e que por isso mesmo leva a morte.

É por isso que o doce de pêsego “orgânico” não é natural porque para elaborá-lo, foi preciso ferver o pêsego e o açúcar e isso os desnatura de maneira irremediável. E por mais que o consumidor assegure e certifique que o pêsego e o açúcar utilizados para fazer o doce sejam orgânicos, o produto que o consumidor compra, não é o que buscava: Um produto natural.

De tudo isto concluímos que o único doce natural que existe no planeta é o doce de flores, que é o único preparado sem cozinhar e que é elaborado por nossas amigas as abelhas (o outro nome do doce de flores é mel).

Atente agora: Para fabricar açúcar ou glicose ou Sucrodex ou Levudex, etc. etc. é necessário para a indústria o uso de ácido sulfúrico, além de altíssimas temperaturas que destroem qualquer tipo de vitaminas e enzimas que existe no caldo da cana de açúcar ou qualquer outra substância natural utilizada no início do processo de fabricação.

¿O que acredita você que vai acontecer quando estes elementos químicos (o açúcar ou qualquer outro substituto de alimentação natural e o ácido sulfúrico entre outros tão daninhos) passem pelo trato digestivo das pobres abelhas, as que por terem sido ROUBADAS pelo apicultor dono das caixas que habitam, de suas reservas de mel, são alimentadas com estas substâncias que são mais “baratas”?

Fácil de imaginar:

Vão precisar de todos os elementos necessários para manter sua saúde.

Vão abrir de par em par as portas para que passem por elas com bandas e fanfarras todas as enfermidades existentes e por existir: Por exemplo: Loque Americana, Loque Européia, Loque sea, etc..

E se observarmos os apicultores da Espanha, da Bélgica, da Alemanha, dos Estados Unidos, que estão cansados de perguntar as autoridades sanitárias apícolas de seu país, porque morrem como moscas suas colméias sem conseguir resposta.

E a resposta é simples, está aí, dentro de suas colméias: São as abelhas que as habitam, filhas, netas, bisnetas, tataranetas, descendentes em fim, de rainhas e abelhas criadas com açúcar ou qualquer outro produto sintetizado.

¿Porque crês que ficou na historia da apicultura argentina a altíssima qualidade das rainhas que criava Don Jacinto Naveiro?

**PORQUE AS ALIMENTAVA SO COM QUADROS OPERCULADOS.**

¿Que classe de abelhas estamos criando?

Uma que morre nas mãos sonhando com que alguma vez lhe permitiram gozar das reservas invernais que com tanto esforço juntaram na última temporada.

¿Sabe ande o comprovamos com a maior dureza?

Em Formosa. Que é aonde chegamos com nossas colméias fugindo do “Pacote Tecnológico” da soja e seu tristemente célebre acompanhante: o Glifosato (Que é vendido como Herbicida sem informar, por não ser útil ao negocio, que é Totalicida) e os únicos seres viventes que não morrem ao seu contacto: Os organismos geneticamente modificados (modificados para que resistam sem morrer ao veneno)

Em Formosa, praticamente as únicas abelhas que existem são abelhas selvagens, as do monte, essas que saltam como tigres ao cangote. E isto é assim porque estão africanizadas e gozando do mesmo entorno e ambiente do lugar de donde vieram, por estar no mesmo paralelo de seu país de origem.

(Lembrar que América do Sul estava unida a África e esta província tem animais que existem atualmente em ambas as zonas)

Estas loucas (graças a Deus) nem sabem o que é um alimentador, nem elas nem seus parentes mais

distantes nunca tiveram “a fortuna” de saborear o esquisito açúcar. Não sabem as pobres o que é Sucrodex . Ignorantes totais, nunca escutaram nem falar do Levudex. Não conhecem nenhuma das Loques e menos a “Loque Sea”. Estas abelhas não sabem tampouco o que é morrer de Varroa, porque de brutas que são, as matam entre si. Além disso, é preciso ter em conta outra prova da fortaleza com que se criam e se desenvolvem as colônias silvestres de QUALQUER LUGAR, colônias ou colméias, se queres dizer assim, que são favorecidas pela falta de intervenção de estranhos nas quais, **JÁ SE SABE QUE OS ENXAMES PROCEDENTES DE COLMEIAS SILVESTRES NÃO TÊM VARROA.**

Não expressei antes porque não tinha uma fonte fidedigna que o comprovasse, porém neste áudio que gravei em minha casa, domingo 17 de Maio de 2009 do programa “O campo e você”, emitido por radio El Mundo (AM 1070) da Argentina, aos Domingos de 5 às 7 hs. (Seção apícola de 6 às 7). No qual o prestigiado jornalista apícola argentino Federico Petrera Hijo, de larga e indiscutível trajetória e experiência em apicultura, expressa que como já se sabe os enxames procedentes de uma colônia silvestre, não têm varroa. Se pode escutar a gravação original e completa do programa desse dia, oferecida pela internet em seu sítio Apicultura On Line em <http://www.apiculturaonline.com/mp3/17-05-09.mp3>

Agora se, após este longo porém necessário intróito, estamos em condições de falar com vocês de reservas inverniais e enfermidades e as relações que existem entre ambas.

Quando você leve em conta que o melhor alimentador do mundo é uma serie de quadros de mel operculado acomodada pelas mesmas abelhas onde deve estar: Por cima do ninho.

Quando você tiver o trabalho de levantar o custo dos alimentadores do alimento artificial, quanto custa em tempo, mão de obra, transporte e estresse de suas pobres abelhas alimentarem no inverno, que é quando você poderia estar tomando mate com tortas fritas ao invés de estar destruindo suas colméias.

Quando você tiver em conta que por alimentar artificialmente a suas abelhas está iniciando o processo das enfermidades e seus conseqüentes tratamentos que você terá que abonar, deixará de ter caixas com abelhas que causam gastos, e começará a ter colméias produtoras que lhe deixarão o que devem deixar, em SEUS bolsos.

#### **Nota:**

Faço esta nota por muitas consultas que me fazem as pessoas de maneira particular e por intercambio de idéias nas listas de apicultura nas quais intervenho, em que existem apicultores que consideram que nas condições dos lugares em que têm suas colmeias, a única opção de alimentação é usar açúcar ou outro alimento de síntese.

E o que é preciso fazer, alguma vez, e o digo com muito respeito, é deixar de colher as reservas que foram colhidas com tanto esforço, esse mel que merecem ter, como mínimo, por tanto trabalho realizado para nós.

Esta é uma lei velhíssima e **ELEMENTAR** da apicultura, que foi esquecida. Não se pode ter uma colméia que nos dê resultados econômicos sustentáveis, se não deixá-la ser adulta, com todas suas reservas de mel, no lugar onde ELA tenha sido colocada.

E esse "sacrifício" só precisa ser feito em uma temporada, a partir de então se terá uma colméia "produtora" que não necessitará mais para passar cada inverno, que se volte a respeitar essas reservas, seu espaço próprio. Inviolável. Sagrado.

### **3. O Tempo de uso dos quadros.**

Para o tema de por quanto tempo servem os favos de cria vamos citar o que é para nós o maior dos apicultores da Argentina e um dos maiores do mundo sem dúvida. Estamos nos referindo a Manuel Oksman, que escreveu, na saudosa revista de Rosário de Santa Fe, Agro Nuestro, página 28 do

número de Agosto de 1963:

“E quanto à idade dos favos, muita gente crê que eles envelhecem rapidamente, e com o uso eles escurecem, consideram que um favo bem escuro já não serve mais.”

"Isto não é certo: Um favo segue sendo bom enquanto seja leve, e muitos apicultores práticos usam os mesmos favos por muitos anos - Às vezes até vinte ou mais anos, e sem o menor inconveniente-."

"Esta é uma velha controvérsia entre apicultores."

"Os que defendem o rápido envelhecimento do quadro dizem que com o uso repetido dos alvéolos, as peles e outros resíduos das abelhas vão diminuindo o tamanho dos alvéolos produzindo abelhas cada vez menores até que as rainhas os rejeitam. E por tudo isto trocam todos os quadros escuros, inclusive os mais perfeitos – a cada dois, ou ao Máximo a cada três anos."

"Em teoria, isto pode parecer lógico, porem na prática as coisas não ocorrem dessa maneira, existe um fator que não foi levado em conta – as mesmas abelhas - e que muda tudo, porque elas limpam continuamente esses quadros mantendo-os em perfeito estado de uso por muitos anos."

"E quanto a rainha, é tudo ao contrario: são os quadros escuros os preferidos."

"Também argumentam os partidários dos quadros “claros” que os escuros podem causar enfermidades."

"Tão pouco existem razões para isto, e na prática isto não ocorre."

"Em suma, somos muitos os apicultores práticos que usamos regularmente os bons quadros escuros, e nossas abelhas são grandes, nossas colméias estão sãs e rendem bem."

"É por tudo isto e inclusive exagerando um tanto a prudência, que estimo para um bom quadro uma vida útil média de pelo menos oito a dez anos”

E vamos citar também o saudoso Engenheiro Agrônomo Moisés Katzenelson que foi durante muitíssimos anos o Diretor do Centro de Investigação Apícola e Apiário do INTA de 25 de Maio na Província de Buenos Aires da República Argentina, que escreveu na página 68 de seu livro "Apicultura Prática":

“Os quadros com cera negra não devem ser retirados só por este motivo.”

"Não é verdade, como se acredita, que por ter sido quadros de cria por muitas gerações saem abelhas de menor tamanho que as normais."

"As paredes dos alvéolos não engrossam, nem os espaços resultam menores.."

"Se conhecem apiários bem manejados com quadros com cera de mais de trinta anos; o autor deste livro os viu."

"As mesmas abelhas se encarregam de roer paredes ou estirar os alvéolos e pô-los em boas condições de produção.”

Creemos que não é preciso agregar mais nada depois dos testemunhos destes dois pesos “Pesados” da Apicultura Argentina.

Caso ainda restam duvidas e pensam como muitos, que estes velhos quadros são um foco de infecção, e se, por deixar-se levar pelo que dizem, não quiser crer que só se enfermam os que podem e não os que querem, vou relatar o que me contaram no Hospital Nacional Baldomero Sommer de General Rodríguez na Província de Buenos Aires, nos tempos em que ensinei, em seu Centro de Docência e Investigação, o curso de Apicultura Extensiva Orgânica dependente da Escola de Formação Profissional dessa localidade.

Quando no curso estava tratando este mesmo tema, me contaram alguns dos alunos empregados no hospital, que no tempo em que a Lepra era considerada incurável, o Hospital Baldomero Sommer (Este hospital que está sobre um terreno de 400 hectares, é o único hospital dedicado à Lepra que existe na Argentina) estava dividido por uma cerca de arame que separava os sãos da “Zona”, que era como se chamava o setor onde viviam os enfermos de Lepra.

Nesse tempo as únicas que tocavam os enfermos eram as monjas e os médicos empurravam as

portas com o corpo para não ter que tocar as maçanetas por medo do contágio.

Pois bem nessa época, estava internado um novo enfermo de lepra que era visitado assiduamente por sua esposa que estava desconsolada não só pela enfermidade contraída por seu esposo, só por que não lhe permitam tocá-lo.

A tudo isto acordou com seu esposo, e a solução para voltarem a estar juntos que encontraram, era que o esposo contagiasse-a.

Para lograr seus propósitos, cada vez que a mulher vinha visitar o marido, este lhe passava um algodão embebido em suas chagas através do arame que sempre os separava.

Em seu domicílio, a mulher cortava a pele e nas feridas passava com insistência o algodão embebido com a sujeira proveniente das chagas produzidas pela poderosa enfermidade de seu esposo.

¿Resultado?

Nunca se contaminou. Porque o que enferma não é o contato com o vírus ou micróbio da enfermidade. O que enferma são as causas que fazem que esse organismo se desequilibre e se debilita criando o caldo de cultivo necessário para que esse vírus ou micróbio se multiplique. Por isso dizem os que sabem que não se enferma o que quer mais o que pode.

Voltando aos favos velhos, ¿sabe qual é o problema mais grave que enfrentam os pesquisadores que fazem investigações em apicultura quando estudam as diferentes enfermidades das abelhas?

Para estudar as enfermidades é preciso fazê-lo com muitas colméias enfermas, senão os resultados são inseguros, pois bem o problema é enfermar colméias sadias: É quase impossível.

¿Como o solucionam?: Estressando-as, debilitando-as. Criando as condições necessárias.

### **Algumas perguntas, mitos, e realidades**

#### **O uso da cera alveolada**

##### **Pergunta:**

¿Se você perguntar a qualquer fabricante de pregos para colméias, quantos pregos são recomendados por caixa, ¿Quantos crê você que lhe recomendariam?

##### **Resposta segura:**

Pregue um por um e se possível um em cada canto da caixa, de baixo e de cima, pregando atravessando a madeira de cima para baixo (na dúvida). O que significa que MUITOS, a maior quantidade possível.

##### **Outra pergunta:**

¿E quanta cera alveolada nos recomendariam usar os fabricantes de cera?

##### **E outra coisa:**

**A CERA TEM QUE SER ALVEOLADA.** Isto Sim que é sagrado em apicultura.

##### **Argumento:**

A cera deve ser alveolada porque se não as abelhas puxam células de zangão. E por isso que no quadro se deve soldar uma folha inteira de cera alveolada.

##### **Realidade:**

Se é assim ¿Porque nos vendem folhas de cera alveolada que não cobrem todo o quadro?

##### **E outra realidade:**

¿Não observaram que as abelhas fazem o que querem com a cera alveolada e puxam sobre ela todas as células de zangões que necessitam?



E aqui quero grifar a palavra necessitam porque as abelhas que são as rainhas e as mestras da economia, jamais, **JAMAIS** criam mais zangões do que o que consideram necessários.

### **Argumento:**

A cera alveolada usada nos ninhos deve ser reforçada por arames, caso contrário o peso da cria ou do mel deforma as células fazendo que a colméia crie mais zangões de que o necessário.

### **Realidade:**

Convido a todos a observar os favos que constroem as abelhas em qualquer oco que encontram e vejam com seus olhos. **POR FAVOR, NÃO CREIAM.** Vão e **VEJAM!** E verão lindos favos que suportam o peso sem deformar-se nem cair.

Verão também que as abelhas não precisam ser guiadas pela mão do homem com a cera alveolada para puxar favos que são pranchas inteiras só de cria de abelhas.

Por certo também haverá locais com cria de zangões, ¿Porém em que colméia racional, plena de cera alveolada, não existe em absoluto cria de zangões?)

Verão o fruto de pelo menos de 35 milhões de anos, praticando a fabricação de favos sem suporte de arame para que resistam todo o peso necessário, seja o favo de qualquer tamanho. **OLHEM, não CREIAM.**

Aqui gostaria de fazer uma observação: As abelhas possuem sentidos e “vêem” ou percebem coisas que aos seres humanos são inimagináveis, como por exemplo, sua capacidade de ver os raios ultravioletas e as linhas dos campos de força magnética do planeta (As linhas Hartmann entre outras, como nos ensina a Geobiologia) e por elas se guiam para viajar.

Temos por certo que a disposição em paralelo de elementos metálicos (arames) no interior da colméia, necessariamente distorcem o campo magnético natural com o que as abelhas contam (como nos últimos 35 milhões de anos) para desenvolver naturalmente sua vida e a de suas crias.

Observe com que empenho lutam para tirar os arames, e todos temos visto, em alguns dos quadros de cria aramados, que não existe cria sobre os arames.



## **4. A câmara de cria ideal**

Lawrence Lorraine Langstroth dos Estados Unidos (inventor da colméia Americana ou Standard usada pela maioria dos apicultores do mundo) não desconhecia que os quadros de sua colméia eram demasiados curtos, tendo em conta que uma boa rainha tende a desenvolver seu ninho de forma esférica e para aumentá-lo vai tratar de fazê-lo para cima consumindo o mel que sempre está nesse lugar (não esquecer que as abelhas sempre colocam o mel em cima do ninho e que nutrízes para criar cada larva, consomem o conteúdo de uma célula de mel, célula que a rainha se apressa a ocupar com postura que é o mecanismo de desenvolvimento natural do ninho, que sempre, é para cima por este motivo).

Langstroth sabia então que sua colméia era muito baixa, pois se o ninho tende a ser esférico, a melhor forma que teria que ter era um quadro para formar um círculo, com o que a colméia teria que ser um cubo.

Porém preferiu acomodar a altura de sua colméia ao tamanho da tabua mais larga que a indústria madeireira de sua pátria (Estados Unidos) fabricava nessa época, para evitar ter que unir tabuas como em todas as outras colméias mais profundas que a sua, como a Quinby, Gallup, Adair ou a

Jumbo, algumas das quais ainda usadas por apicultores principalmente da Europa por suas reconhecidas virtudes em apicultura extensiva.

A maior largura das tabuas que produzia a indústria madeireira no tempo, em seu país, era de dez polegadas (25,4 cm.) que é a altura com que ele fabricou sua colméia, com o que barateou sensivelmente a construção das mesmas, motivo este, entre os mais poderosos e o menos conhecido, do êxito alcançado pela sua colméia, até o extremo de ser convertida como padrão mundial.

Observe-se que na atualidade para baixar custos se tende a fabricar a colméia “standard” unindo tabuas, pois a indústria madeireira mundial já não dispõe com tanta facilidade de árvores das quais se possam produzir tabuas tão largas, razão pela qual estas são mais caras.

Recapitulemos então:

Temos claro que a colméia que todos usamos é muito baixa, aproximadamente 46 cm. de lado por 24,5 cm. de altura em seu interior, obrigando a rainha a desenvolver um ninho que é uma esfera achatada que se agrava mais pois como não querem que os quadros encostem no fundo do ninho, para permitir a circulação por baixo, o terminam uns 2 centímetros antes, com o que geralmente a real altura do quadro de cria tem só uns 18 ou 19 cm.

Nesta esfera achatada não se sentirá cômoda porque não reúne os requisitos necessários para desenvolver um ninho poderoso e sem um ninho poderoso é impossível ter uma colméia poderosa, e sem colméias poderosas é impossível sonhar com colheitas poderosas.

Convido-te a reler o parágrafo anterior porque é básico para ter ótimos resultados em apicultura.

Um quadro com pouca profundidade como o usado, deixa a maioria das reservas de mel fora do local onde está o ninho, obrigando ao agrupamento de abelhas invernal a formar-se longe deste. Quando termina o pouco mel que podem guardar num quadro como reserva, deslocando-se e tendo que ocupar a parte superior do quadro onde está o ninho, o espaço intermediário e o travessão inferior do quadro imediato superior, para chegarem aos quadros com mel que estão acima do ninho (se existem, claro) com o que o esforço que tem que realizar o agrupamento invernal para manter a temperatura aumenta, pois a cera conserva melhor o calor do que a madeira (tem maior inércia térmica, o que significa que é um material que perde mais lentamente a temperatura que adquire).

Isto do agrupamento de abelhas deslocando-se para as reservas é pouco levado em conta pois normalmente se esquece (ou se desconhece) que as abelhas devem ocupar primeiro com seu agrupamento invernal, a porção do quadro que contem as reservas de mel para aquecê-lo, e não podem desopercular as células que contem mel se a cera do quadro não está na temperatura necessária para poder realizar esta operação.

Ao contrario sucede com um ninho que tenha o mais aproximado possível a mesma altura que tem de comprimento a colméia Standard (Também nada de mal que tenha altura e largura iguais) com o que conseguiríamos que a rainha tivesse a disposição um ninho perto de 46 cm de lado por uns 29 cm de altura que é a altura que tem as colméias Quimby, Gallup, Adair, y Jumbo de reconhecida capacidade em manejos extensivos (a altura que tem aproximadamente dois melgueirões, um em cima do outro) e como máxima tentativa uns 46 cm de lado por uns 48 cm de altura (a altura que tem aproximadamente dois ninhos, um em cima do outro, naturalmente, nada impede que se provem ninhos maiores).

Para obter o anteriormente exposto temos nos limitado a colocar caixas vazias sobrepostas sobre o piso e colocar os quadros (sem a parte inferior) no encaixe da caixa superior. Com isto nossas abelhas têm todo o espaço que necessitam para formar um poderoso ninho.



Ademais é conveniente deixar (depende da força da colméia, quanto maior, mais reserva necessita) como parte integrante do ninho, a primeira melgueira ou três quartos (segundo o material usado) sem tocar, para que seja parte de suas reservas.

Para que fique mais claro vejamos esta fotografia tirada no apiário Vinal da estância El Palomar da província de Formosa (no estabelecimento apícola orgânico, os apiários tem nomes de árvores autóctonos, como o Vinal, o cartaz pintado com pintura permitida pelo protocolo orgânico está indicando que essa colméia V7 é a colméia 7 do apiário Vinal)

Observe que a câmara de cria neste caso (as combinações possíveis são muitas) está formada por um ninho inferior, um melgueirão por cima dele que é onde se apóiam os quadros e um melgueirão mais, que serve para assegurar as suficientes reservas de mel, o espaço dado a uma rainha, a possibilidade de expressar toda sua verdadeira potencia, como fazem no campo quando encontram uma árvore com um grande oco.

A regra de ouro deste sistema que estou ensinando é que, em tempo de colheita, quando chegamos a primeira caixa por cima do ninho, paramos, por que dali até o alvado é terreno sagrado das abelhas, onde têm liberdade de fazerem o que desejem.

Em um ninho assim as reservas estão por cima da cria e serão mais que suficientes para que não haja nunca um mau inverno possível, com o conseqüente beneficio para as abelhas e para nos.



É este o lugar para que façamos varias considerações.

Tudo isto que se expôs e se propõe aqui foi provado e comprovado na prática, nossas colméias estão armadas desta maneira. As abelhas estão desfrutando neste mesmo momento...

Isto que estamos ensinando não é um experimento, é uma realidade comprovada e comprovável.

As colméias que usamos e propomos, até onde sabemos, têm os quadros mais profundos usados na apicultura profissional.

Vejamos:

Os quadros Gallup, Quinby, Adair e Jumbo (entre os conhecidos claro) tinham ou até, pois alguns se usam em apicultura extensiva, todos eles 25,5 cm. De profundidade ou altura. Sendo o Americano o mais profundo que se tem usado até agora, pois tem 27,5 cm de profundidade ou altura, como o queiram considerar.

Nossos quadros têm 26,5 cm. Nos ninhos que temos em produção, formados com 2 melgueiras. Que foram as que começamos provando este sistema em Buenos Aires.

36 cm nas colméias com as que começamos a provar um ninho mais profundo formado por um ninho com uma melgueira.

39, 5 cm em colméias onde começamos então por um ninho com um melgueirão em cima

41 cm nas colméias que temos formado com 3 melgueiras.  
45,5 cm nas colméias que temos formado com 2 ninhos.  
51,5 cm nas colméias que temos formado com 3 melgueirões.

Para comparar, os quadros de um ninho Standard têm uns 19 cm de altura, pois as abelhas não chegam ao travessão inferior, deixando entre este e a borda inferior do quadro uma passagem de abelhas.

Nossos quadros, como não têm travessão inferior (tão pouco têm arames) permitem que as abelhas construam seus quadros todo da distancia que queiram do piso (em geral chegam a uns dois ou três centímetros deste).

Naturalmente quadros de tal profundidade não são práticos para usar seguindo a técnica tradicional, com suas revisões periódicas.

Porém, como verás a seguir, consideramos que o coração desta técnica é dar às abelhas o que mais necessitam para demonstrar todo o seu terrível potencial: Muito espaço, muitas reservas e muita paz. E isso é precisamente o que fazemos. Pois nos limitamos a abrir nossas colméias só para coletá-las e intervindo só nas melgueiras, nunca no ninho e suas reservas que são sagradas para nos. Como deve ser.

#### **NOTA:**

Faço essa nota, hoje 4 de Abril de 2009, para responder a varias consultas feitas a respeito de que material recomendo para construir um ninho profundo como o que se postula neste manual.

Depois de muitas provas com diversos tamanhos de caixas (que, todavia os temos em uso) terminamos aprendendo que qualquer que brinde MUITO espaço. É bom. Tudo depende do material que você tenha, use-o para empilhá-lo e construir seu super-ninho. Que não importa a mistura, nem o tamanho diferente que tenham suas colméias. Não tem importância, pois não esqueça que com este sistema, você nunca, NUNCA, abrirá o ninho, não importará, se fizeram o ninho como o fizeram, só desfrutará dos benefícios, o trabalho e o formato desejem a elas que entendam UM POUQUINHO mais disso do que nós.

O que sim aprendemos (e isto é absolutamente pessoal, cada um faz o que quer com suas colméias) é que o melhor é usar só melgueirões. Primeiro porque são (em proporção) mais baratos, contabilizamos várias vezes a conta, comparando a capacidade em litros com outras medidas, e (não sabemos por que) são mais baratos. E segundo e creio que mais importante, os cabeçotes dos quadros dos melgueirões têm o mesmo tamanho que os quadros de ninho. E como com este sistema não usamos a barra inferior, podemos usar os quadros de melgueirões para usá-los no ninho, com o que, sendo mais grossos vão suportar o peso de semelhante ninho, sem necessidade de comprar quadros de ninhos para isso.

Usando melgueirões, o único material que teremos são caixas desse tamanho, simplifica tudo pois se padroniza todas as operações e se facilita muito o trabalho.

Em definitivo o que fazemos é:

Ninho: Três melgueirões empilhados para o ninho e mais uma para reservas, com o que os nossos ninhos constam de 4 (quatro) melgueirões.

Agora estamos começando a não usar mais pisos, pois os estamos substituindo por tabuas cravadas na base do primeiro melgueirão, deixando que sobressaia um pouco a que está a frente para que forme a plataforma de vôo e recortando a entrada da tabua. Com o que a economia é significativa e os resultados os mesmos, pois não se esqueça o ninho, NEM O VEMOS. Com o que o único material que compramos é melgueirões e quadros dessas medidas e tetos americanos.

Meu sócio em apicultura sempre me faz gozações dizendo: "Se segues sacando coisas da colméia, no fim nem abelhas vão sobrar"

Eu sei que esta apicultura que recomendo não é elegante e bela aparência, porem me remeto ao que

sempre dizia meu mestre Don Manuel Oksman:

"Não é obrigatório que os apiários tenham bom aspecto, o que é obrigatório é que dêem lucros"

## 5. Os enxames

Um núcleo jamais terá a força, a saúde, o empuxe, a velocidade de desenvolvimento nem a terrível adaptação aos inconvenientes climáticos entre muitos outros que tem o mais débil dos enxames, pela simples razão que um núcleo é o pobre resultado de uma técnica apícola que trata de manejar variáveis conhecidas, pouco conhecidas e desconhecidas (um núcleo seria uma espécie de Frankenstein) e um enxame em troca é um mecanismo aperfeiçoado durante os últimos 35 milhões de anos para conseguir um propósito: Perpetuar-se.

Disto resultam duas coisas:

Primeiro:

Assim como é impossível que se evite que um animal se reproduza atendendo a um de seus instintos mais básicos (salvo castrando-o) é impossível evitar que as colméias enxameiem quando assim o desejem (salvo castrando-as). Só o acaso permite lograr condições que posterguem esta decisão (como por exemplo, oferecer abundante espaço)

Segundo:

Não é certo que um enxame pelo fato de sê-lo não nos pode brindar mais do que uma colméia enxameadora, pois quando enxameou a fez atendendo (como todas as colméias) a um dos mais poderosos e básicos instintos dos seres vivos: Reproduzir-se.

E não é certo, que a colméia povoada com um enxame não pode ser uma colméia coletora e pelo mesmo produtiva, observe-se que para que uma colméia ser enxameadora, a rainha que a encabeça deve abarrotar de crias e de abelhas o oco que ocupa.

¿Tão ruim não deve ser não?

Salvo os casos de abandono da colméia por causas que lhe dificulte viver em paz (como no caso, por exemplo, das revisões periódicas).

Quiséramos agregar aqui que, segundo nossa experiência, a melhor abelha para trabalhar é a local, pois já está adaptada as condições do lugar.

Todo animal pode ser melhorado com manejo genético, porém levando em conta os custos reais, é preferível fazer manejo extensivo e deixar as coisas como estão.

E que por isso, para nós, os melhores resultados se conseguem com colméias povoadas com enxames capturados no lugar.

## 6. A técnica Extensiva Natural

Manuel Oksman nos fazia notar a diferença que existe entre a apicultura de aficionado e apicultura profissional que se expressa entre outras formas da seguinte maneira:

- A apicultura de aficionado se dedica a criação de abelhas.
- A apicultura profissional se dedica a ganhar dinheiro com as abelhas.

E nos aclarava (como o temos comprovado infinitas vezes) que existem produtores profissionais que usam a técnica de aficionados, porém como a apicultura é tão bom negocio conseguem ainda assim, bons resultados econômicos.

Vejam agora as diferenças entre apicultura intensiva e apicultura extensiva:

- A Apicultura intensiva busca a máxima produção por colméia. Sem levar em conta a quantidade de vezes que se deve intervir em cada unidade.

Quero fazer notar aqui que existem estudos científicos que demonstram que cada vez que se abre uma colméia se perdem 5 (cinco) quilos de mel da colheita.

- A Apicultura extensiva busca a máxima produção por apicultor. Tendo em conta principalmente as maneiras de intervir cada vez menos em cada colméia para poder ter, cada vez mais, maior quantidade de unidades em produção.

Vejamos agora as diferenças entre a técnica tradicional em uso e a natural:

- A técnica tradicional em uso tira, com o manejo, da abelha as funções vitais tais como o desenvolvimento de crias.

Dispondo a seu arbítrio entre outras coisas do espaço, maneja as reservas quase sempre subtraindo. Ademais seleciona pelo mais frágil, curando-as e permitindo que aportem, ao salvá-las, seu caudal genético a espécie.

Se desenvolve a técnica tradicional em uso sem ter em conta que sempre (salvo fumigação direta) o apicultor é quem contamina o interior da colméia, e com a introdução de substâncias de síntese (alimentos ou medicamentos) reduz a resistência da colméia e enche de elementos tóxicos que nada teriam que fazer ali. Não leva em conta, em sua verdadeira dimensão, que cada abertura das colméias rompe o selo sagrado da própolis que assegura a máxima assepsia do interior, dando entrada a todos os agentes exteriores, causando o conseqüente prejuízo.

-A técnica natural respeita o animal colméia<sup>1</sup> como individuo e lhe devolve todas as tarefas que as abelhas realizam melhor do que com a intervenção do apicultor, brindando-lhe em abundância o que necessita para expressar seu maior potencial: Espaço, Reservas e Paz.

Seguindo os ensinamentos da natureza, seleciona pelo mais forte, evitando o custo econômico de curar as enfermidades, com o que se elimina totalmente o risco de introduzir impurezas nos produtos.

A técnica extensiva natural que desenvolvemos está baseada no íntimo convencimento, comprovado amplamente pela experiência conseguida com nossas colméias, que o que temos que oferecer a nossas abelhas para poder ter cada vez mais colméias que com o menor custo produzam cada vez mais é: **ESPACO, RESERVAS E PAZ. Muito espaço, muitas reservas e muita paz**

## 7. Oferecendo muito espaço

Coloca-se em cima do ninho uma melgueira ou um melgueirão, usando para apoiar os quadros, o rebaixe da caixa de cima, com o que evitamos sair do Standard das medidas que é tão valioso e ter que passar a inventar colméias “raras”. Passamos a ter colméias com um ninho que terá as seguintes capacidades interiores aproximadas, tendo em conta também a caixa para reservas que deixamos por cima do ninho:

Ninho armado com	Capacidade do ninho (Em litros)	Quadros do ninho (cm.)	Caixa de Reservas	Capacidade total (Em litros)
1 ninho	42	42 cm de comprimento por 19 cm de altura	Não tem	42
1 ninho + 1 melgueira	66,642	42 cm de comprimento por 36 cm de altura	1 melgueira	91,284
1 ninho+1 melgueirão	73,583	42 cm de comprimento por 39,5 cm de altura	1 melgueirão	105,166
1 ninho +1 ninho	84	42 cm de comprimento por 45,5 cm de altura	(adiciona-se segundo o material disponível)	?

<sup>1</sup> Consideramos, como muitos outros apicultores e científicos, que o que habita o oco de uma árvore ou uma colméia é um individuo dos chamados sociais. Individuo este, formado por células que voam (as abelhas) para trazer do exterior o que o animal colméia necessita para subsistir. Outro exemplo de animal social é o animal formigueiro, individuo que está formado por células que caminham para trazer o necessário (as formigas).

2 melgueiras	49,284	42 cm de comprimento por 26,5 cm de altura	1 melgueira	73,926
3 melgueiras	73,926	42 cm de comprimento por 41 cm de altura	1 melgueira	98,568
2 melgueirões	63,166	42 cm de comprimento por 33,5 cm de altura	1 melgueirão	94,74
3 melgueirões	94,749	42 cm de comprimento por 51,5 cm de altura	1 melgueirão	126,332

Ou qualquer outra combinação que lhe ocorra.

Agora bem, como o ninho agora será muito mais profundo, deverá se armar os quadros que apóiam no rebaixe da caixa superior sem colocar a travessa inferior ou retirar as travessas inferiores dos quadros já armados (retirando todo o arame se existir) para que as abelhas estirem os favos até onde queiram perto do piso.

Como se pode observar na figura ao lado, em que como eu uso, estão montados três melgueirões e se apóia os quadros no superior. Colocando uma tira de cera sem arame para que as abelhas construam os favos do jeito que elas preferiram e na altura que elas achem necessário, até perto do piso.

Por cima destas três caixas se coloca outra melgueirão onde os quadros estão sem arame mas com o barrote inferior para evitar que os favos desta caixa sejam colados ao ninho que está abaixo. Este melgueirão faz parte do ninho das abelhas e assegura que não exista a possibilidade de faltar reservas, por isso é intocável.

Por cima dos quatro melgueirões, recomendo deixar durante todo o ano, como mínimo três ou quatro melgueirões, com arames ou não, conforme a preferência do apicultor, de forma permanente, formando parte da colméia, para assegurarmos que as abelhas se sintam em um espaço imenso, e para que atuem de acordo com a situação.

Gostaria de fazer outra consideração quanto ao espaço necessário em uma colméia. Consideração esta creio de vital importância:

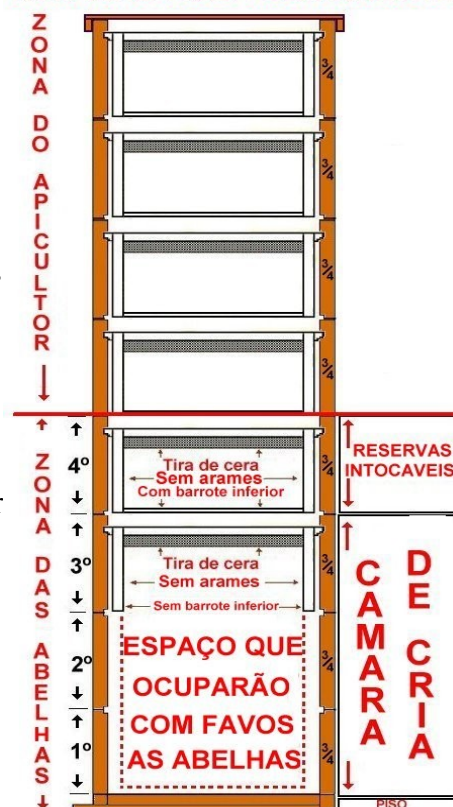
Tenhamos em conta que no espaço interior do oco que ocupam as abelhas (seja o oco de uma árvore, ou em uma colméia) as abelhas fazem e desfazem, menos manejar o tamanho do espaço disponível. O que quero dizer é que, para as abelhas, praticamente não existem tarefas impossíveis dentro do oco porque têm uma adaptabilidade extraordinária.

O que nunca vai entrar na cabeça delas é que esse espaço aumente ou diminua, salvo em caso de desastre natural, tal como um terremoto, ou queda e rotura da árvore onde esteja alojado o ninho. Para a abelha o oco em que vive é o que é. Para o mundo o que se maneja e as leis que o regem, é inconcebível que o oco aumente ou diminua. Isto, se é que acontece, só está na mente e nos planos do apicultor.

Explicando melhor:

Quando deve começar o desenvolvimento do ninho, a rainha (ou quem seja que tome a decisão) levanta a vista e observa o oco onde se acham as reservas disponíveis (disponíveis a vista, não as que o apicultor pensa brindar) e vê que se acha em uma melgueira Standard, sem mel, com um

### TAMANHO FIXO PERMANENTE



alimentador que reduz espaço (se é o caso) e com um repartidor<sup>2</sup> (se é o caso) e começa a calcular que classe de ninho deve desenvolver para encher o oco disponível. Com certeza calcula um ninho pequeno pois não vai precisar muito trabalho para encher esse pouquinho.

Mas se quando levanta a vista e vê que no oco disponível os favos que formam seu ninho têm a altura de um ninho mais um melgueirão (por exemplo). Onde todos os favos do ninho têm o mel que juntado no verão passado e por cima dos quadros do ninho existe um melgueirão que está cheio de quadros repletos com mel, que está ali mesmo onde elas o colocaram e em cima têm ainda 3 ou 4 melgueirões com quadros puxados vazios ou para puxar, com certeza que se entusiasma e se dispõe a desenvolver o maior ninho que possa para encher semelhante oco, tranqüila, pois reservas e espaço é o que lhe sobram.

Pensemos que uma colônia de abelhas, em um espaço pequeno, só pode produzir pouco mel, porque terá pouco lugar para a cria e reservas. Ao contrário, em um espaço grande, pode acontecer diferente.

O melhor negocio acontece quando todo seu material está sobre suas colméias, e quanto mais material tenham suas colméias, mais fortes serão, pelo anteriormente explicado.

E agora você nos dirá:

¿O que fazemos com as que não sejam capazes de encher semelhante oco?

E lhe contestamos:

Se você se ocupa em organizar as organizáveis e as não organizáveis e em querer tratar as sanáveis e as insanáveis ao invés de colher o que exista e deixá-las tranqüilas até a próxima colheita e retirar as mortas, se existem, para que outro enxame utilize o material, estará se dedicando a outro tipo de apicultura. E tem todo o direito.

Nós fizemos muitas vezes a conta do que custa aplicar mão de obra, e transporte (na técnica comum só o transporte custa pelo menos 46 % dos gastos).

Fizemos a conta do que custa, a nós e a nossas abelhas, revisar periodicamente as revisáveis, nuclear as nucleáveis e curar as curáveis e incuráveis e alimentar as alimentáveis e incentivar as incentiváveis e arrumar as arrumáveis e as que não o são e etc. e etc. e etc.

E buscar rainhas sistematicamente e trocá-las e identificá-las, e trocar os quadros do ninho e das caixas meleiras “porque não servem mais” e limpar os pisos... ¿Quer que siga?

Fizemos muitas vezes a conta, creiam-me. E não fecha. E se fecha... fecha menos. MUITO MENOS. Faça a prova e depois nos contem.

## **8. Oferecendo muita paz**

Convencido de que é o melhor para elas, nos limitamos a abrir as colméias só quando as colhemos, ou para fornecer material para que encham com mel, pois o ninho e sua caixa ou caixas de reservas são intocáveis para nós. O espaço do ninho e sua caixa ou caixas em cima com reservas são o topo para nossas atividades, este espaço nunca é violado por nos e só temos oportunidade de ver o que fizeram em seu interior, se a colméia perdeu sua população. É desarmada por nós para aproveitar o material para povoar com outros enxames.

È pertinente esclarecer aqui que uma das razões mais poderosas pela qual esta técnica tem êxito é que as abelhas não são animais domésticos. Elas não são como um cão - Típico animal doméstico - que o é até o ponto que se não damos de comer morre, ou quase, pois sua domesticação chega até a esse ponto.

Por outro lado, as abelhas não necessitam de nós para nada, prova disso é que muitas vezes se as molestamos de mais, mudam-se para algum oco que encontrem e dali nos fazem despeita, tão

---

<sup>2</sup> É um quadro todo fechado usando normalmente em regiões frias para diminuir o espaço interno do ninho.



felizes e contentes de ter se livrado do incomodo. E o mais importante, é altamente provável que estarão melhor sós do que mal acompanhadas.

Queremos expressar aqui, a razão mais forte, para tratar de abrir o menos possível as colméias: Quando ferimos um dedo, com um espinho, por exemplo, no lugar da ferida e pelo nosso sangue se fazem presente os leucócitos ou glóbulos brancos, que se encarregam de destruir todos os agentes estranhos que aproveitando essa entrada querem atacar-nos: vírus, bactérias, fungos, micróbios, etc. Esse é o mecanismo de nossa defesa.

A abelha também tem sangue (tem outro nome como sabem, se chama hemolinfa) não conta com um mecanismo como o nosso. O que não quer dizer que não tenha um mecanismo de defesa. O que passa é que é de outro tipo. Vejamos:

As abelhas têm o mesmo problema que têm, por exemplo, os criadores de frangos. Estes produtores devem solucionar o problema de ter concentrados milhares de aves em um galpão.

¿Qual é o perigo? A superpopulação traz em paralelo o perigo iminente de que se adoce um só dos indivíduos da população, se não se tomam medidas para controlar, se instala uma pandemia (mecanismo que segue uma epidemia o que faz com que em pouco tempo morram a imensa maioria da população).

Por isso em um criadouro industrial se tomam extremas medidas de profilaxia, para evitar este perigo, medidas que não cabe explicar aqui, sirva de exemplo que caminhões que entram no criadouro e passam por barreiras sanitária, cheias de desinfetantes para esterilizar os pneus impedindo que entre a poluição exterior.

Pois bem, ¿Como solucionaram este problema as abelhas (pense que em um oco de 20 litros pode haver mais de 30.000.abelhas)

Muito simples: Tudo o que rodeia a abelha dentro de seu oco, incluindo-as, (Por isso na antiguidade todos os remédios usavam abelhas machucadas) está coberto por inteiro de substancias anti-viróticas, anti-micóticas, antibióticas, antibacterianas, etc. e alguns elementos mais que são desconhecidos.

Alguns vegetais quando são feridos, exsudam uma substancia que serve para auto curar essa ferida, substancia esta que se chama resina (esse é seu mecanismo de defesa) e que está carregada de elementos anti-viróticos, anti-micóticos, antibióticos, antibacterianos, etc. com esta substancia que trazem a sua colméia as abelhas fabricam a própolis agregando a bagagem própria de substancias curativas as que a resina naturalmente tem. É por isso que é tão poderoso como medicamento a própolis.

A própolis é usada então para cobrir, “envernizar”, todo elemento que se encontre dentro do espaço interior da colméia. Será usado para tapar todo espaço (greta ou buraco) onde não entrem as abelhas para poder limpar como só elas sabem fazer.

Servirá como tapete onde passam as operarias para desinfetá-las por contato (tão poderoso é seu efeito) como fazem ¿Recorda? os grandes criadores de frangos com os caminhões, com o que as operarias passam limpas para o interior, e por último serve para unir mais forte, (quanto mais forte é a colméia) os elementos que estão saltos e desunido (a entre tampa ou o teto americano com a caixa superior por exemplo).

Temos que tomar consciência de que o interior da colméia é o interior do individuo colméia, este individuo social formado por células voadoras, esse é seu espaço íntimo, vale a vida mantê-lo com a assepsia extraordinária com que o conserva.

É igual, salvo a distância, como o interior de nosso corpo. Se não conseguimos conservá-lo estéril, como está quando estamos sãos, perdemos a saúde. Se nos abrirem e nos deixarem abertos por uns minutos e depois nos fechem com mão sujas se pode imaginar o que sucederia...

O mesmo acontece com uma colméia quando o apicultor rompe o selo da própolis, abre-a e mete as

mãos e as ferramentas e revolve os elementos internos.

## 9. Manejo: A "captura" de enxames

Pelas especiais características desta técnica apícola, se tem muito pouco contato com o material, pelo que se pode dizer que, preparando a colméia para capturar um enxame, começa e termina o ciclo de manejo do material, pois nós não utilizamos nenhuma técnica para nuclear, porque nossas colméias são povoadas exclusivamente com enxames capturados.

Nunca buscamos as rainhas, nunca revisamos um quadro do ninho para nenhuma coisa, nem sequer para vê-los como nos ensinara Oksman, em fim, esta é uma técnica se quer taoísta. A técnica de não-fazer (wu-wei dizem os taoístas).

É bom deixar claro que nós desenvolvemos nossas atividades apícolas na Argentina, na província de Formosa, que é onde terminamos nosso périplo fugindo do Glifosato e o correspondente "Pacote Tecnológico" que está destruindo o resto do país.

Em Formosa por só se desenvolver praticamente atividades com gado e o corte sistemático das árvores de madeiras nobres dos montes, deixando os que "não servem", o entorno é praticamente virgem, sem tocar. Em Formosa praticamente tudo o que se produz é orgânico, pois praticamente não existe poluição. Claro, não esquecer, que para ser considerado orgânico, um produto deve estar certificado como tal.

Em Formosa é onde temos nossos apiários, em distintas e diversas zonas. Nesta província, as abelhas são todas africanizadas, e estão em seu elemento e desenvolvendo todo o potencial de sua raça, pois estamos sobre a linha do trópico sobre a qual elas se criaram na África<sup>3</sup>.

Esta técnica, além de ter sido provada com êxito com as abelhas comuns, em clima temperado frio, é especial para o manejo das africanizadas, por praticamente não haver abertura das colméias.

As africanizadas por encontra-se em zona de clima tropical (e cremos que é porque já não encontram ocos grandes, pois cada vez existem menos árvores grandes) enxameiam durante todo o ano.

Ademais acreditamos e se confirma na prática, que não estão "aviadadas" ou debilitadas pelo açúcar, prova disso é que em outras zonas do país ainda com esta técnica, a varroa era o único que tínhamos que curar. Aqui nesta província que ainda está praticamente virgem, as abelhas riem da varroa e seu ataque passa despercebido (parece que as abelhas, matam as varroas das outras).

Em outras zonas onde a temporada de enxames é mais curta, a questão de povoar as colméias se soluciona colocando maior porcentagem de caixas iscas em distintos lugares. E o controle da varroa se faz como é de prática. Com esta atividade o manejo é o mesmo.

Como exemplo citamos que, disponibilizadas 97 colméias "capturadoras" (como chamamos as que colocamos em árvores para "capturar" exames) na região de Pirané, Província de Formosa, República Argentina, em agosto de 2006, se dispunham em Dezembro do mesmo ano 75 colméias capturadoras habitadas com enxames. O que não quer dizer que as que faltam completar para chegar as 97 fiquem vazias, só é questão de tempo. Ao final todas "capturam" seu enxame. É por isso que

---

3- As abelhas africanas e as africanizadas não são enxameadoras pelo gosto de sê-lo. Isto é mais o resultado da intensa caça de que são vítimas dos seres humanos que habitam onde elas habitam. Aqui em Formosa igual que na África são derrubadas as árvores onde habitam para saquear-lhes o mel, e aqui em Formosa como na África, ficam cada vez menos ocos onde desenvolver um ninho e os disponíveis são cada vez menores, como cada vez menores são as árvores que se derrubam para aproveitar sua madeira. Aumentando o espaço baixa sua agressividade e tendência a enxamear como temos observado e comprovado por um estudo feito pelo Dr. Roch Domerego, cientista e apicultor francês, que viajou aos lugares onde vivem as Adamsonii na África, no ano 1980, desenvolvendo de acordo com o observado nestes estudos sua colméia Adamsoniana (que oferece mais espaço a abelhas) com o que logrou aumentar a mansidão e reduzir sua tendência a enxamear. Este artigo pode ser visto no site a seguir:

[http://apicultura.wikia.com/wiki/Colmena\\_Adansoniana](http://apicultura.wikia.com/wiki/Colmena_Adansoniana)

Note depois de ler que a colméia Adamsoniana desenvolvida pelo Dr. Roch Domerego tem 31,6 litros de capacidade.

no mesmo lugar onde tiramos uma colméia capturada, voltamos a por ao mesmo tempo outra vazia. Para nova “captura”.

No mesmo período para o estabelecimento apícola com certificação orgânica da localidade de Palo Santo, capturei 240 enxames colocando as colméias "de captura" no entorno da localidade de Comandante Fontana, na colônia aborígine Toba e Pilagá, "Bartolomé das Casas" e na localidade do mesmo nome.

Notar aqui também que em Reja, Província de Buenos Aires, República Argentina, zona suburbana, no mesmo período, de 30 colméias colocadas se capturou 24 enxames. Só que aqui, no lugar de clima temperado, quando termina a temporada de enxameação para tudo até o ano seguinte, mas mesmo assim no mesmo lugar que se fez uma captura se põe outra caixa vazia.

Assim mesmo queremos passar nossa experiência, pois temos deixado de por colméias de captura no campo, pois observamos que dão muitíssimo melhor resultado as “capturadoras” colocadas fora das zonas povoadas, grandes ou pequenas.

Naturalmente as colocamos fora das povoações (o que em Formosa é chamado “A colônia”) para evitar problemas possíveis com os habitantes se as puséssemos em pleno povoado ou cidade.

Fizemos assim com grande resultado há anos no meio da Cidade de Pirané (colocando nas árvores que formavam os restos de um monte próximo a um campo de Futebol), porém tivemos problemas, porque os meninos atiravam pedras com o conseqüente imaginável espalhamento de abelhas.

Não sabemos a ciência certa porque se “capturam” mais enxames perto das zonas povoadas. Imaginamos que deve ser porque nas zonas povoadas não encontram os ocos, pois as árvores maiores já desapareceram no pós “progresso”.

Detalharemos como armamos uma colméia para prepará-la para capturar um enxame.

O primeiro é fazer com que a colméia se converta praticamente em uma só peça, para que suporte os traslados e para que quando volte do lugar onde se capturou o enxame, o movimento do traslado não mova os quadros de seu lugar com o conseqüente perigo de que morra a população e/ou a rainha esmagada.

Imaginemos que vamos armar uma colméia capturadora com um piso, uma caixa ninho, um melgueirão os dez quadros do ninho e o teto americano (que é o que recomendamos por ser uma só peça e ser o melhor para traslados)

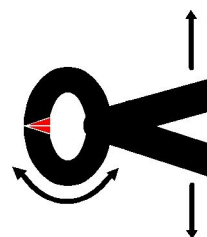
Para fixar as partes entre si, utilizamos arame de fardo do mais fino ou outro arame fino brando que seja suficientemente forte para atar (o de quadros não serve).

Para conseguir isto realizamos furos com uma broca de 3 mm. Dois em cada lateral mais comprida unindo o ninho ao piso e um no lado oposto ao do alvado. Como mostrado na figura.



Para estirar os arames para que fiquem bem firmes, usamos uma ferramenta que na Argentina se chama tenaz, que tem em sua boca uma parte de corte e outra de agarre.

Usando esta parte de agarre (em vermelho no diagrama), retorçemos o arame para que aperte, e logo, aproveitando sua forma especial ovalada, fazemos alavanca estirando o nó realizado, com o que o arame estica e prende ainda mais, e retorçemos de novo este bolo de arame que agora ficou frouxo, repetindo esta manobra até que seja necessário e prudente, pois precisa estar firme, más sem cortar-lo.



Logo fixamos o melgueirão da mesma maneira só que neste caso realizamos atadura do lado contrario ao alvado.

Em seguida colocamos 8 ou 9 quadros dos que estão sem o travessão inferior e nos quais soldamos uma tira de cera de não mais de uma polegada (2,5 cm aproximadamente), na ranhura do quadro. Para que tenham uma idéia, a cada placa de cera alveolada a dividimos em sete tiras, com o que com três folhas fornecemos cera a dois ninhos. O mesmo sistema é usado para os quadros das melgueiras.

Antes, como a cera não chegava as laterais a estirávamos com um rolo de massa manual como as que se usam para estirar a massa de farinha como mostrado na fotografia ao lado.



Com esta manobra conseguimos que fosse mais larga que a medida disponível em relação aos lados do quadro. Tudo isto para poder passá-la sem ter que soldá-la em uma ranhura que fazemos nessas laterais como mostrado nesta foto.

Come isto se ganha muito tempo quando se tem que soldar as tiras de cera na ranhura superior.

Agora utilizamos tiras de cera que cortamos de uma placa fabricada por nós com nossa própria cera, placa que naturalmente não alveolamos, pois nossas abelhas nos ensinaram que não faz falta, elas se arrumam perfeitamente, e as tiras só são necessárias para que levantem os favos dentro dos quadros.

Naturalmente isto de que puxem os favos dentro dos quadros nos interessa só nos quadros das melgueiras. Os quadros dos ninhos em nossas colméias só estão ali para evitar que as abelhas usem as extremidades inferiores dos quadros das melgueiras para puxarem favos de ninho.

Não esqueça que nunca abrimos um ninho e que ali as abelhas podem puxar os favos para o lado que queiram, sempre que os iniciem nas cabeças dos quadros do ninho.

Voltemos a armação do ninho das capturadoras as que já colocamos 8 ou 9 quadros com cera. Os quadros que faltam (1 ou 2) são quadros puxados de preferência que hajam contido cria.

Ainda que a qualidade da fotografia seja deficiente porque foi tirada com um celular, observe como as abelhas puxaram abaixo das laterais do quadro, pois tiveram lugar para se arrumarem até uns 2 centímetros do piso.

Observe também que estes quadros não têm barra inferior nem arames.



Estes quadros não têm muita profundidade porque pertenceram a uma colméia armada com duas melgueiras, que foram as armadas quando começamos com este sistema na Província de Buenos

Aires, antes de mudarmos a Formosa.

As que armamos agora, com um ninho mais um melgueirão ou 3 melgueirões, são muito maiores.

Observe na perfeição dos favos e no tamanho que tinha esse ninho, que desmente que as abelhas sem cera alveolada "se perdem".

Outra coisa que peço que observe nestes quadros é que o lugar que ocupou a cria (zona escura por isso mesmo) chega até a parte superior do quadro.

E isto é assim porque não esqueça que nos colocamos uma caixa mais por cima do ninho, que não tocamos jamais para que a completem com as reservas necessárias de mel.

Observe como a rainha desenvolveu o ninho tratando de dar uma forma esférica, porém com o tamanho que permitiam duas melgueiras, todavia não era o suficiente.

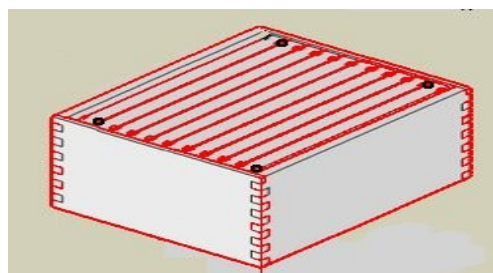
Isto nos deu a pista para provar com ninhos muito maiores, onde as reservas de um ninho circular imenso (como desenvolvem as boas rainhas) poderiam estar no mesmo quadro, cumprindo as funções que já sabemos que cumprem.

Voltemos à armação da colméia "capturadora":

Com estes dois quadros puxados tirados de uma colméia que ficou desabitada sem população, (nunca saberemos a causa porque não as revisamos), se completam os dez quadros do ninho e são os que servem para atrair ainda mais os enxames.

Agora o que se deve conseguir é que não se movam do seu lugar quando a caixa seja baixada do seu suporte.

Isto o conseguimos da melhor maneira e depois de muitas provas usando mangueira preta de plástico (das que se usa para conduzir água enterrada) a mais fina que se consiga (quase sempre de 1/2") cortada em pedaços de um centímetro de comprimento. Estes pedaços são colocados na parte superior dos quadros, na quantidade necessária para que formem uma só peça fixa. Como se pode observar na imagem ao lado.



Costumamos mudar o sistema de guarda do alvado cortando o piso rente a entrada do ninho. O que nos permite cravar de frente um dos travessões inferiores dos tirados dos quadros e que têm quase sempre a altura necessária como se vê na fotografia seguinte.



Isto nos livra do inconveniente dos redutores de alvado que nunca têm o mesmo tamanho que têm os alvados e quando se necessita colocar um, o que se tem em mão nunca coincide com o que se necessita (isto passa naturalmente, pela diversidade do material disponível, que nunca é do mesmo fabricante, e todos sabemos que o Standard é sagrado, porém não tanto).

Ainda no verão (e aqui em Formosa o verão é VERAO) mantemos o redutor de alvado colocado, pois observamos que quando deixávamos totalmente aberta era propolisada quase em sua totalidade fechando-a e deixando dois ou três buraquinhos que tinham sido somados o tamanho do alvado que agora deixamos (uma abertura de aproximadamente um centímetro de altura por aproximadamente quatro ou cinco centímetros de comprimento)

Creemos que isto tão estranho poderia explicar porque com uma abertura tão pequena as abelhas conseguem o efeito Venturi<sup>4</sup>. E por outro lado com uma abertura pequena evitam a entrada da

4 O efeito Venturi (também conhecido como tubo de Venturi) consiste em que um fluido em movimento dentro de um

imensa quantidade de bichos (ratos entre outros) que povoam os montes onde estão nossas colméias.

Fechamos com o teto americano e logo lacramos tudo com uma lacradora de lacres de plástico e fechês metálicos como se vê na fotografia seguinte.



Nesta fotografia dá para ver a marca a fogo que, na Argentina, devem ter todas as colméias com o número do RENAPA (Registro Nacional de Produtores Apícolas) que corresponde ao estabelecimento, neste caso o P 0429, a letra P corresponde a província de Formosa.

A caixa que tem pintado U 61 (o U está interrompido pelo cobre entradas) foi a colméia 61 do apiário Urunday e a QB 24 foi a colméia 24 do apiário Quebracho Blanco, as que perderam seus enxames antes de ter assumido a gerência e com o material das quais arrei estas colméias para capturar ou pescar enxames.

As colméias "pescadoras" que se vêm empilhadas à direita, estão esperando sua vez para irem ao campo para ser presa, cada uma em sua árvore, como mostrado na outra fotografia:

Para conseguir isto se pregou a uma árvore (e buscando seu "perfil" mais a prumo para conseguir que fique o mais direita possível) a altura que fica o piso e para que o mesmo se apóie em dois pregos de 10 centímetros (Nº 3 na fotografia) e enquanto um companheiro mantém a caixa sobre os pregos outro passa um arame de fardo duplo<sup>5</sup> abraçando a caixa com a árvore (Nº 1 na fotografia), para logo firmar retorcendo até que tudo fique firme. O lacre também é visto (Nº 2 na fotografia)

---

ducto fechado diminui sua pressão ao aumentar a velocidade depois de passar por uma região de secção menor. Se neste ponto do ducto se introduz o extremo de outro ducto, se produz uma aspiração do fluido contido neste segundo ducto. Este efeito, demonstrado em 1797, recebe seu nome do físico italiano [Giovanni Battista Venturi \(1746-1822\)](#).

- 5 Os melhores resultados conseguimos usando arame de fardo comum (em outros lugares é conhecido como arame recozido) ao que atamos em fios duplos com o tamanho necessário para abraçar uma árvore ou outro elemento firme e colocando-o em uma máquina de "agulhar" um ferro de 6 mm. dobrado em L ou em gancho, enganchamos o arame duplo na "agulhadeira" e dando máquina conseguimos que se enrole sobre se mesmo. Com o que, quando cortamos a quantidade necessária no monte para atar as capturadoras, evitamos a confusão que fazíamos antes quando usávamos os dois soltos.



As imagens falam melhor do que as palavras:



Observando com atenção dá para ver que a colméia "capturadora" que estamos colocando nestas fotos, está formada por três melgueiras, e que tem dupla amarração, porque com elas descobrimos que é melhor fazer assim para que fiquem bem seguras.

A melhor altura para fixar as capturadoras é a que permite que os apicultores possam colocar o mais alto possível sem ter que subir em nada, como se pode observar nas fotografias anteriores. Pode-se também colocar caixões capturadores pondo-os sobre algum apoio que podem ser as bancadas onde ficarão definitivamente, porém é o que menos resultado dá. Em todos os casos é recomendável que os caixões capturadores fiquem a sombra para evitar que as caixas esquentem com o sol, coisa de não gostam os enxames.

Só resta passar de vez em quando para observar se entrou um enxame e, quando completou a carga do veículo, vamos a noite para que toda a população esteja dentro do caixão, fechamos o alvado com estopa nova e limpa, que é o que melhor resultado nos tem dado até agora, tapamos qualquer lugar por onde estejam saindo abelhas para o exterior, tais como rachaduras ou buraquinhos que não percebemos quando as armamos ou que apareceram-se enquanto penduradas, usando barro argiloso, que é o melhor que encontramos para estes momentos.

Baixamos, colocamos no veículo, levamos ao apiário que já está preparado esperando, colocamos ramos ou qualquer outra coisa de frente dos alvados, coisas que dificultem a saída e que lhes permita dar-se conta de que não estão no mesmo lugar de onde vieram e após deixá-las descansar

um pouco começamos a abrir os alvados pouco a pouco e por grupos separados, ficando com isto terminada a tarefa.

Para que recuperem a tranqüilidade necessária, voltamos depois de uns dias para tirar a armação, retirar os ramos e colocar a caixa que falta para que ponham suas reservas e a maior quantidade que possamos de melgueiras, para que o mais rápido possível considerem o todo como o oco a encher.

Isso se pode observar nestas fotografias:



O autor na tarefa de acomodar as capturadoras trazidas do campo para seu lugar definitivo e agregar todo o material possível.



### ALZAS 3/4



Neste caso o apiário do estabelecimento orgânico se chama Itín, que é outra árvore autóctone da Província de Formosa na República Argentina.

Veja ao lado esse desenho onde tudo fica mais claro.

Note agora como fazer o piso, pois recortamos no corpo da caixa inferior a abertura que servirá como alvado, cortando com um serra na profundidade da madeira e dando um centímetro de altura e uns 4 ou 5 cm de largura para o alvado.

Depois pregamos tábuas por debaixo da caixa, deixando que uma delas se sobressaia para forma uma rampa de vôo. Nós usamos melgueirões (melgueira  $\frac{3}{4}$ ). Note com as três



primeiras formam a colméia que é usada para capturar o enxame. Por isso estão unidas como arame como é explicado no texto. Todo o material que está acima se coloca depois do enxame esteja no lugar definitivo, como explicado antes.

Claro que este tamanho de colméia é conservado durante todo o ano, onde ela só é incomodada para a colheita, e como a colheita é feita somente no próprio apiário, logo em seguida o material retorna para onde estava.

#### **NOTA:**

Acrescento esta nota hoje 23 de Abril de 2009, para clarear melhor os conceitos da "captura" de enxames, e o faço copiando de maneira quase textual, da forma como respondi a uma pergunta que me fizeram em Lapisada, que é uma lista de apicultura que participo.

Pode acontecer, a quem acredita que não existem enxames em sua região, levar uma grande surpresa se preparar alguns caixas como explico no manual, e colocá-las com seus correspondentes ninhos onde tinha cria, (ninhos que resgatados dos que estavam "imprestáveis") e as coloque com tempo no lugar onde vão "capturar" (as abelhas, muito tempo antes de enxamear, já buscam onde "mudar-se"). Cada um sabe qual é esse momento em SUA região. Onde mais se "capturam" enxames é no meio de qualquer cidade, ou nas regiões suburbanas, o próximo às vilas e povoados. Não creiam em mim, PROVEM.

Peço que não cometam o erro de considerar que esse enxame que está ali, nessa caixa "NÃO SERVE". Levem-no a seu lugar definitivo, coloque em cima todo o material que puder, si é possível, MUITO.

Dê-lhes, por favor, MUITO ESPACO E MUITA PAZ, observando-os de fora. NÃO TOQUEM, Deixe-os tranquilos, salvo para curar-se das varroas (o que corresponda).

Os mais poderosos são os primeiros que aparecem em sua região. Esses, quase com certeza, (depende das condições do ano) já terão mel "PARA COLHER" na primeira temporada. Más por favor, no cometam o mais repetido dos erros:

**NÃO COLHAM AS RESERVAS DAS COLMEIAS QUE AINDA NÃO ESTÃO ADULTAS.**

¿E o que é uma colméia adulta?

**UMA COLMEIA QUE, DEPOIS DE ENTRAR UM ENXAME, CONSEGUE JUNTAR AS RESERVAS E ACOMODA-LAS ONDE CORRESPONDE E QUE PASSA SEU PRIMEIRO INVERNO.**

Convertendo-se em uma máquina (então recente) de produzir.

Até que se chegue a esta condição **NENHUMA COLMEIA É COLHEDEIRA.**

**DÊ UM ANO** para a colméia que entrou um enxame, para que chegue a colher.

Na próxima temporada, observem-na e **COMPAREM.**

#### **10. Outro modo de colher**

A enorme diferença de sabor que existe entre um pedaço de favo operculado e o do frasco, é devido a que o mel ao ser extraído vai do interior do favo à parede da centrífuga movido pela força centrífuga, perdendo nesta viagem seus mais finos perfumes e com eles, os mais finos sabores. Prova disso é o intensíssimo perfume de mel que existe em uma sala de extração em funcionamento.

E pensamos, ¿Como se poderia solucionar este inconveniente?

Outro inconveniente, muito grave este, que tratávamos de solucionar, é a inevitável quantidade de terra e pó do meio ambiente que fica presa nos favos no transporte desde o apiário até a sala de extração, com a conseqüente e inevitável contaminação de mel e, a gravíssima e também inevitável, quantidade de terra e pó que se gruda no interior das caixas e favos, os favos melados com mel, que chegam da sala de extração ao apiário e que são colocadas em cima das indefesas abelhas que não podem fazer nada para evitar a terrível contaminação das colméias.

Outro inconveniente a solucionar, também grave porque pesa sobre o bolso de maneira direta, são as duas viagens realizadas, para buscar e devolver as caixas dos apiários. Pelo menos 46 % dos gastos em Apicultura são de transporte.

A solução que demos a todos estes inconvenientes é a seguinte:

Os implementos que usamos para realizar a colheita são; tachos de aço inoxidável com uma capacidade aproximada de 10 litros, com correspondente tampa hermética, em quantidade mínima suficiente para completar a capacidade de carga do veículo que se use, quando está cheio de mel.

Um funil que cobre de maneira perfeita a boca dos citados tachos que chega até a altura do cotovelo de uma pessoa parada. O funil tem um travessão na parte superior que o divide em dois. Tal como se aprecia neste desenho:

Uma faca comprida e fina de filetar peixes. Uma escova de apicultor para retirar abelhas.

Em nossa experiência, cortamos os favos para a colheita e deixamos aproximadamente um centímetro do favo original carregado de mel (aproximadamente pois trabalhamos à noite com luz vermelha).

Os favos que usamos nas salas desoperculadoras não têm arames por isso não existe dificuldade nem impedimentos para cortá-los, deixando apenas algo mais do um centímetro de favo sem cortar, debaixo da barra superior do quadro. Como se vê aqui:

Estes pedaços de favos cortados que caem do quadro até o recipiente de aço inoxidável, poderiam aproveitar-se para vendê-los como tais, envasando-os no mesmo lugar da colheita. Isto até agora não fizemos.

Os favos viajam no veículo fechados hermeticamente. As melgueiras foram movidas só para serem colhidas e retornadas a seu lugar com todos os quadros que tinham. Quando se fecha uma colméia terminou a colheita e não é molestada até a próxima.

Porém o mais importante: Só se realiza uma viagem em todo o trabalho de colheita. Economizando tranquilamente uma viagem de cada duas que realizávamos antes.

Os favos são moídos em cima de onde vai ser decantado o mel, sem necessidade de bombas nem nenhum outro movimento.

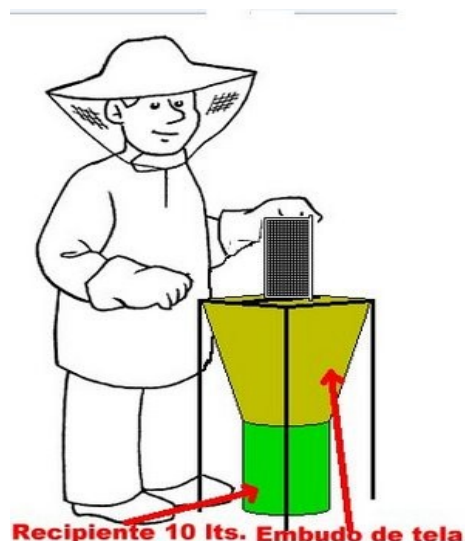
Resultados: a colheita de cera é substancialmente maior.

O mel chega à sala de extração com uma pureza impensável com o sistema em uso.

A economia de energia elétrica é grande pois não é necessário usar o extrator de mel nem as bombas.

A economia em energia humana (mão de obra) também é grande pois se movem elementos que por ter manivela e pouco peso são mais fáceis de mover que as melgueiras, por levar um em cada mão.

Se evitam todos os trabalhos de transporte de material até a sala e os da sala mesma que são as tarefas mais pesadas da indústria apícola.



O produto final é perfeito, impossível obter melhor, em sabor e higiene.

Em Formosa a colheita é realizada de noite, com luz vermelha, que é invisível para os insetos.

Isto tem várias vantagens:

A principal; trabalhamos com uma temperatura muito menor que se o fizéssemos de dia.

Temos observado que não se irrita todo o apiário como costuma suceder de dia com as africanizadas.

É improvável que ande gente de noite pelos arredores e se existe gente por perto, estão dormindo, com o que molestamos o menos possível.

As abelhas também sofrem menos.

A quantidade de mel que é dito que uma abelha precisa “consumir” para fabricar cera está muito longe da verdade. A realidade é que no momento da entrada de néctar, toda essa imensa quantidade de açúcares naturais passa pelo “estômago” de TODAS AS ABELHAS DA COLÔNIA pelo fenômeno conhecido como trofolaxia, que é o nome que se dá ao mecanismo que as abelhas realizam ao passar uma para as outras o conteúdo de seus “estômagos”.

Esse intensíssimo trânsito de substâncias açucaradas deslancha o mecanismo fisiológico da produção de cera, com o que temos que a abelha TEM QUE PRODUSIR CERA e esta produção, muito mais que pelo consumo, se produz pelo TRÂNSITO DESSAS SUBSTÂNCIAS.

A realidade assinalada por muitos experientes apicultores práticos é que a abelha produz cera ainda que no queira e SE NÃO USA, se perde. Essa quantidade de quilos de mel que se gasta para produzir cera você já sabe a quem beneficia, no não é a nós que temos que suar debaixo dos macacões.

## 11. As Colméias Econômicas

Sempre penso que a apicultura, que se recomenda neste manual, poderia ser solução para aquelas pessoas de escassos recursos, que habitam todo o planeta, que são milhares de milhões e que estão em tanta variada quantidade de condições de pobreza e, que contariam, no uso desta técnica, com uma apicultura que não faz falta saber nada de teoria, com uma fonte de recursos com para melhorar sua situação.

Em alguma ou muita proporção, tudo isso nesse caso, dependeria deles. Penso como muitos que os pobres não precisam ganhar um peixe, mas aprender a pescar. O problema, a limitante, é o material com o que pudessem praticar esta apicultura extensiva natural. Por conta de sua pobreza, escassez de recursos, falta de capital, de nada lhes serviria receber esta informação que se oferece gratuitamente neste manual, se não tivessem onde abrigar seus enxames.

É por isso, que com meu sócio, Carlos Sivagno, de Moreno, na Província de Buenos Aires, Argentina, nos colocamos, como fazemos sempre, a discutir, planejar, e em seguida a trabalhar sobre todos os aspectos deste problema, tendo em conta que os que se necessitava era uma colméia que pudesse ser fabricada com os elementos mais baratos que se pudesses conseguir em cada lugar do mundo, que não necessitasse de nenhum tipo de máquina para fazer, e que bastasse, para fazê-la, ter um serrote, um martelo e uns pregos.



O resultado é a colméias que mostro em continuação, que neste caso, é a caixa que servirá para capturar seu enxame, que está armada em uma só peça.

O material para construir esta colméias, no caso particular da cidade de Buenos Aires, uma das maiores metrópoles do mundo, é a madeira com a qual estão construindo os “pallets” ou estrados que se usa na indústria e no comércio para empilhar mercadorias.

Este tipo de madeira, é a que, em Buenos Aires, se consegue tirada, o que se pode comprar pelo preço mais barato.

Em cada lugar do mundo se verá qual é o material que se pode conseguir mais fácil, do que está tirado o de lo que se pode adquirir por menor preço.

A colméia deverá ser adaptada em suas medidas ao material que se tenha, tendo que respeitar em relação às medidas, as do interior da colméia em uso em sua região, ou se não se usa nenhum tipo de colméia, nem tem de onde as medidas padrão, se usarão as medidas que se acredita convenientes, que isso não tem nenhuma importância, são só convenções seguidas pelos apicultores no mundo todo, no entanto as abelhas trabalham bem em qualquer oco, com a condição que seja grande.

Vejam algumas vistas da colméia, para que fique mais claro como se fabrica.

O teto deve ser adaptado ao tamanho que tenha a colméia por fora. O alvado se faz recortando como é mostrado, e ele conta com uma pequena rampa de vôo.



Observemos na fotografia acima que o alto da caixa destinada a capturar seu enxame, que se recomenda que no mínimo seja de 60 centímetros.

Vejam a colméia de outro ângulo.



Vejamos um detalhe do teto, que separamos, para que se aprecie melhor:



Nas fotografias que seguem pode-se observar o interior da colméia com seus quadros, vendo-a de cima e de lado.



Agora uma vista do piso da colméia e uma vista com uma colméia vazia:



Outra vista com a colméia vazia, desta vez vista de cima.



Na foto anterior é possível observar a importância de respeitar as medidas interiores. Sempre que se quiser, pode continuar usando o material com a mesma medida que já tem. No entanto, caso a colheita seja feita da forma como é recomendada neste manual, cada colméia pode ter sua própria medida, sem que isso signifique incômodo, pois nunca se movem de seu lugar, nem são trocadas com de outras colméias, os elementos que constituem a cada una delas.

Vejamos agora os elementos com os quais se faz esta colméia para capturar enxames e os elementos que fazem parte dos melgueirões (melgueira  $\frac{3}{4}$ ) como se recomenda aqui:



Como pode ser visto na imagem em que a frente da colméias para captura tem os 60 centímetros recomendados, é conveniente armar as laterais da colméia, a frente, onde se recortará o alvado, e sobre eles o fundo, que dão a medida necessária para unir as tábuas, até a conclusão.

Tanto na colméias de captura quanto nos melgueirões, as tábuas usadas para cobrir todas as partes são da mesma medida.

Na fotografia da direita é possível observar a profundidade dos entalhes para se apoiar os quadros que até poderiam ser muito bem substituídos por tiras menores nessa área, se necessário, se não se tem com que fazer os entalhes ou se parece mais fácil de fazê-lo dessa maneira.

Se o que é usado para fazer esta colméia é um ramo de madeira, não é necessário que ele seja



planado, o que não incomoda as abelhas, e não se preocupe com as rachaduras, ou seja, eles são responsáveis por fechar tudo da forma mais perfeita que pode imaginar usando própolis.

## **12. Energias telúricas e as abelhas**

### **Seu Efeito nas Pessoas, Animais e Plantas**

#### **Introdução**

Estimados Apiamigos, com a colaboração de Armando González e de Juan Andrés Rivas, preparamos este trabalho sobre "As Energias Telúricas e seus efeitos sobre as abelhas, as plantas, outros animais e as pessoas". São conhecimentos muito pouco divulgados e muito menos os aspectos empíricos desta ciência chamada Geobiología. Por intermédio da Radiestesia se determinam as energias Telúricas que afetam para o bem ou para o mal as plantas, os animais e as pessoas.

Este é um material que permite conhecer aspectos teóricos e outros muito empíricos sobre o tema. Desejo que sirva de ajuda e de esclarecimento. O que lamentavelmente, para alguns é bruxaria ou magia, quando na realidade é o conhecimento das energias que nos rodeiam e que por serem invisíveis, não deixam de existir e afetar a vida do planeta.

#### **Energias Cósmicas**

São os influxos dos astros que penetram na atmosfera e são transmitidos ao globo terrestre, estabilizando e complementando as energias telúricas.

Existem terrenos que são capazes de absorver as radiações que procedem do fundo interestelar da galáxia, além da matéria escura do universo. Estes terrenos são muito bons para viver e conviver, no entanto existem outros que não permitem que as energias cósmicas penetrem no seio da "mãe Terra" e por eles são refletidas saindo desvirtuadas ao exterior. Estes lugares devem ser evitados. São lugares hiper-conflitivos que produzem dissonâncias entre os seres humanos e os espaços habitáveis.

Alejandro Mir Flor

#### **Energias Telúricas**

São energias que provêm, circulam e emanam continuamente da superfície terrestre e do subsolo, estando muito relacionadas com as variações energéticas da geo-magnetosfera, com a eletrocondutividade do terreno e as influências gravito-magnéticas do Sol e do resto do sistema planetário.

Algumas pessoas extremamente sensíveis e intuitivas, são capazes de perceber as energias predominantes do lugar que ocupam e, assim protegerem-se de uma relação biótica equivocada com uma energia telúrica desconhecida e potencialmente daninha.

No entanto, o mortal comum, devido às vertigens e pressa da excitada vida atual, esqueceu o uso dos mecanismos de autodefesa bioenergética corporal e, por isso somos às vezes inexoravelmente devorados pela diferença do potencial elétrico não homogêneo de um terreno, ou pela instabilidade do gradiente geomagnético terrestre de um lugar determinado.

Alejandro Mir Flor

#### **Distintos tipos de Energias Telúricas**

##### **Redes de Hartmann**

A Rede de Radiação Global, Rede H ou Rede de Hartmann – em homenagem a seu descobridor o médico alemão Ernesto Hartmann – é um sistema de linhas de radiação que em forma de uma rede ou malha cobrem todo o globo terrestre.

Estas linhas são como paredes invisíveis de ar ionizado desde a Terra até a Ionosfera. Atravessam

grossas paredes e placas de concreto como se não existissem, de modo que seu efeito é igual fora ou dentro de um edifício e o mesmo ao nível de terra ou no piso mais alto de um moderno arranha-céu.

Estas linhas de força do campo magnético terrestre ocorrem na direção Norte – Sul e Este – Oeste, dividindo o campo magnético terrestre em pequenos campos de polaridade alternadamente positivos e negativos, com medidas de aproximadamente 2.00 metros na direção Norte - Sul e 2.5 metros na direção Este – Oeste.

Em média as linhas têm uma largura aproximada de 23 centímetros, porém a cada 10 existe uma de 80 centímetros de largura e de maior intensidade. A cada 100 existem 2 de 80 centímetros com um intervalo de 10 centímetros entre elas ou seja de 1.70 metros no total. No Uruguai elas ocorrem de 3.50 metros e até de 7.00 metros.

1. Nos cruzamentos (cruzes) destas linhas denominados ponto Geopáticos, é onde se produzem todo tipo de alteração a nível molecular, e alteram o PH Sanguíneo aumentando o teor ácido de todo organismo. Sobre os cruzes confluem em maior quantidade os Raios Cósmicos, Microondas, íons positivos, Vírus e Bactérias.

## 2. Falhas em terrenos

Fraturas, fissuras, diaclases e gretas; rompimentos na crosta terrestre produzidos por forças tectônicas de compressão, descompressão ou tangenciais e acompanhados de deslocamentos verticais, oblíquos ou horizontais. É muito perigoso viver em seu vertical.

## 3. Covas e Cavidades Subterrâneas

São cavidades naturais da terra localizadas essencialmente nas regiões de relevo cáustico. Nelas, a água penetrar nas camadas calcária provoca a formação de redes hidrográficas subterrâneas.

Existem cavidades sem ventilação, onde o ar interior se corrompe, sendo por isso muito perigoso viver na sua vertical.

## 4. Gases Radioativos

Como o Radônio, que é produzido da desintegração de minerais ricos em Urânio ou de Radio. Ocorrem principalmente em rochas graníticas e se concentram nas zonas mais baixas e saem do subsolo por pequenas aberturas ou gretas, como também pela tubulação de abastecimento de água. (Banhos sem ventilação, quartos de caldeiras, sótãos, adegas, etc.) É por isso que são muito Perigosas as micro-falhas, gretas ou fissuras no subsolo de uma casa.

## 5. Veias de água subterrâneas e Aquíferos

Estas energias são muito negativas para as pessoas, animais e plantas, em especial quando coincidem com linhas ou cruzes da rede diagonal Curry, falhas, etc., originando enfermidades segundo a intensidade da energia emitida e o tempo de exposição a ela. Na vertical irradiam nêutrons térmicos. Nunca devemos descansar ou dormir sobre uma veia de água subterrânea. O cruzamento de duas veias de água subterrânea pode chegar a converter-se em uma armadilha mortal.

## 6. Rede Diagonal Curry

Retícula magnética orientada NE-SO e NO-SE aproximadamente, de maior tamanho que a rede Hartmann, orientada diagonalmente com respeito a esta. A rede Curry é considerada como uma rede "Solar". Algumas teorias da cosmo-antropologia esotérica, consideram que é uma distorção cosmo-telúrica ou reflexo energético produzido por câmbios bruscos no eixo da elipse do planeta Terra, devido a cataclismos ocorridos nos tempos da antiga Atlântida. A largura das paredes da rede Curry é 70 a 80 cm. Sendo suas medidas quadrangulares de 3,50 x 3,50 metros aproximadamente, em nossas latitudes ibéricas. É de "menor intensidade radiestésica" que a retícula Hartmann na hora de ser prospectada, porém é muito mais daninha do que esta.

Para captar a rede Curry se necessita sensibilidade radiestésica, ela cria sérios problemas a maioria dos prospectores que confundem este fato, com a suposta evidência errada de que a rede Curry é



menos intensa e prejudicial do que a rede Hartmann. As frequências da rede Curry são extremamente sutis, sendo por isso que uma grande maioria de prospectores, domo terapeutas e especialistas em geobiologia tenham graves problemas em sua correta captação “Alejandro Mir Flor”.

#### 7. Terrenos não Homogêneos

A desigual composição dos materiais geomorfológicos de um terreno produz variações bruscas do campo magnético terrestre e da electro-condutividade. Sempre se deve evitar construir uma casa sobre um destes lugares energeticamente desvitalizantes, porém, sobre tudo, sobre os "pontos ou zonas de ruptura geomorfológica". A sacudida energética nestes lugares é tremenda, por isso sempre deveremos evitá-los.

#### 8. Pontos Estrela

Concordância ou superposição de uma cruz da rede ortogonal Hartmann, com a rede diagonal Curry. São altamente ativos e por tanto muito perigosos. Permanecer num ponto estrela por mais de 1 minuto pode desvitalizar um prospector até levá-lo à temida "FADIGA RADIESTÉSICA" (extenuação psíquica e perda momentânea da sensibilidade radiestésica). Fonte: puce

Alejandro Mir i Flor Radiestesista e domoterapeuta do “Buen Sitio”, especialista em estudos geobiológicos e medições eletromagnéticas de alta e baixa frequência. Escritor e divulgador da saúde do habitat. Socio de GEA y de A.C.R.L.

Isidoro Zudaire. Agricultor Ecológico. Guadalajara Tel: 911 22 09 25

### **GEOBIOLOGÍA**

A Geobiología é uma ciência que recolhe conhecimentos ancestrais e profundos da sabedoria tradicional e, junto a recentes investigações científicas, centra seu interesse nas relações entre os seres vivos e as energias que emanam da terra, as que provêm das radiações cósmicas e as geradas pela atividade humana. A influencia das radiações, sejam naturais (radiações cósmico-terrestres) ou artificiais (campos elétricos, eletromagnéticos, microondas,...) as quais podem incidir no desenvolvimento de enfermidades cardiovasculares, degenerativas, sobre o sistema nervoso central e o sistema imunológico. Abarcam temas tão amplos como o exaustivo exame do terreno a edificar ou a correta escolha dos materiais, procurando evitar todos aqueles que produzam toxidade. Sejam radiativos ou que tragam perigos a curto ou médio prazo para os moradores das vivendas. Se trata de um intento de adicionar aos aspectos técnicos, do projeto e de qualidades mais clássicas, todos aqueles que estão vinculados com um maior conforto biológico, a fim de conseguir uma maior qualidade de vida e correta saúde global.

A Geobiología atual centra sua ação e investigação no entorno da vivenda e lugares de trabalho por serem os locais onde se passa a maior parte do tempo.

[http://www.gea-es.org/sitio\\_geobiologia.html](http://www.gea-es.org/sitio_geobiologia.html)

É uma ciência relativamente moderna, ainda sem contar com instrumentos detectores, nem estudos ou investigações. Muitos povos a utilizaram ao longo da história. Nestas civilizações antigas estão, Império Romano, China, Egito, Celtas, Os povos do deserto, etc.; Existiam pessoas encarregadas de escolher o lugar onde se edificaria uma cidade ou vivenda. Os Romanos, por exemplo, deixavam pastar o gado durante uns meses, logo examinavam as vísceras deles e assim viam se o lugar era adequado para a vida. Os Chineses passeavam com umas varinhas (Como as de um zahorí) buscando o lugar adequado para suas necessidades. Os antigos imperadores chineses não construía nenhum palácio sem o conselho e assessoramento de um expert em geomância.

Exemplos claros são as pirâmides egípcias, construídas segundo uma orientação e em um padrão determinado; Ou nos círculos megalíticos, dólmenes ou menhires da cultura dos betilos ou dos povos célticos; ou das tribos nômades do deserto africano (bereberes, saharauis), da Europa central (ciganos) ou do Oriente Médio, que atualmente seguem acampando só em lugares escolhidos previamente por seus cachorros para deitarem e descansar. Todos estes povos e civilizações

milenarios conheciam a existência do “campo magnético natural que rodeia o planeta”. Porém o homem moderno perdeu grande parte dessa sabedoria ancestral, que implicava conhecer os pontos e lugares da terra nos quais as energias e as vibrações eletromagnéticas são positivas, para beneficiar-se delas ou pelo contrario, negativas para afastar-se e evitá-las . De concreto, entre as energias naturais antes citadas se destacam as denominadas linhas Hartmann, em homenagem ao doutor alemão que as descobriu. Trata-se de uma rede invisível, de uma quadrícula de energia que envolve todo o planeta e cujos cruzamentos (cruzes) são negativos para a saúde. Tão negativos como as falhas geológicas, as correntes telúricas ou de águas subterrâneas ou a própria radiação gerada pela eletricidade natural.

Sabemos hoje que o planeta Terra se comporta como um gigantesco imã cujos extremos quase coincidem com os pólos geográficos. As inversões magnéticas ocorridas no passado remoto provocaram, por exemplo, o desaparecimento dos cinturões Van Allen e os seres vivos ficaram expostos as radiações do espaço. Segundo alguns investigadores, isso pode ser uma das possíveis causas da extinção dos dinossauros. Atualmente, a deterioração da camada de ozônio é outra chamada de alerta sobre o perigo que ditas radiações implicam. Os seres humanos mudam de comportamento ou vêm influencias em seus estados de ânimo após uma tormenta elétrica, uma chuva que aporta íons negativos a atmosfera, um calor sufocante ou um vento forte. Os animais, por sua vez, detectam as alterações magnéticas e são especialmente sensíveis antes que ocorra um terremoto ou outro desastre natural.

As linhas de alta tensão produzem efeitos muito sérios sobre a saúde humana, apesar dos esforços das companhias elétricas para convencer a população de que se trata de informes infundados. A própria OMS alertou sobre esses efeitos negativos. Outro exemplo é a existência de corpos magnetos (óxidos férricos, como a magnetita) no cérebro de vários animais, entre eles os delfins, os pombos, as abelhas, formigas etc.. Se trata de um tecido associado às fibras nervosas, que é sensível as mudanças do campo magnético segundo sua intensidade e que serve para orientá-los, como se fosse uma autêntica bússola.

### **Veias de Água**

Existe outro fator que se fala muito e que às vezes não se compreende bem, que é a presença de veias de água subterrânea. Vocês devem ter ouvido falar que as veias de água subterrânea provocam problemas de saúde nas pessoas que constroem suas casas acima das correntes de água subterrânea, ou que construirão suas casas sobre ditas correntes. O problema da água subterrânea, não é tanto a água em si mesma, e sim com o que está ligado a eletricidade e ao eletromagnetismo natural da Terra. A Terra é um grande gerador elétrico, poderíamos dizer que é uma espécie de grande dínamo com um núcleo de gelo fundido, que vai rodando continuamente e por um lado essa rotação ao ter um campo magnético gera cargas elétricas a nível atmosférico, a fricção entre o núcleo mais líquido e a crosta mais sólida na rotação também gera pela fricção uma energia e calor que se desprende em forma de radiação, e tudo isso cria um campo eletromagnético a nível atmosférico capaz de ser constatado com uma bússola por exemplo.

Se utilizarmos uma bússola constataremos que mudando sua posição muitas vezes, a agulha magnetizada do seu interior sempre se orienta em um sentido concreto, porque tem forças magnéticas e está atrelada dentro desse campo magnético a linhas que a obrigam a orientar-se em um sentido.

Esse campo magnético que tem força para atrair uma agulha de metal, também atua sobre a biologia do corpo, pois as células têm polarização, têm seu norte e sul, e utilizam esse magnetismo da Terra como referencia para seu equilíbrio.

Então como age a água subterrânea? A terra seca costuma ser isolante e disso todos os que tentaram por um fio terra na região, encontraram muitas vezes dificuldades para que essa terra descarregue o excesso de eletricidade da vivenda. Porém se você coloca água nessa terra, ela fica mais condutora e se, além disso, você coloca sal com água a condução melhora. Então, onde passa água subterrânea nos encontramos zonas, ou franjas onde circula preferentemente a eletricidade, natural desse

eletromagnetismo da Terra e artificial se existe alguma linha de alta tensão próxima, a perda dessa linha circulará preferentemente por onde exista água subterrânea. O que sucede é que essa condução de eletricidade por esse canal gera campos magnéticos em seu entorno, sempre que exista uma corrente elétrica se produz um campo eletromagnético ao seu redor, e existe uma radiação na vertical. Então, na vertical das correntes de água subterrânea se produz uma acumulação de certas radiações e uma alteração da eletricidade atmosférica.

De fato, uma das provas que se fez nos anos 50, para demonstrar "cientificamente" que ocorria algo com a presença de água subterrânea, consistia em colocar um eletrodo no ombro, outro eletrodo na mão, e um voltímetro no nível do colo (não importa onde se colocava porém devia estar logicamente conectado aos dois eletrodos) com uma pequena tensão elétrica, então a pessoa vai caminhando, e quando cruza uma corrente de água subterrânea ocorre uma descarga elétrica, isto é, ocorre uma mudança de potencial elétrico entre a mão e o ombro. Essa variação de potencial elétrico é mínima, da ordem de milivolts, e é suscetível de criar reações musculares. Isso explicaria porque os Zahories podem detectar as correntes de água subterrânea, a partir das varetas em L. Com as varetas, relaxando a musculatura, o deslocamento dentro do campo magnético terrestre, a radiatividade e as correntes elétricas, todas estas radiações que chegam ao corpo são razoavelmente boas. O normal é que a musculatura se mantenha relaxada, que não exista tensão na musculatura. Ao se deslocar se produz uma variação de potencial magnético que é percebida pela musculatura. Em algumas ocasiões uma simples bússola serve para mapear uma residência por exemplo. Basta com uma bússola mover-se pelos cômodos e observar as variações. Perto das paredes ou de pilares com estrutura de ferro que às vezes fica magnetizada, a bússola se desvia completamente e indica como norte qualquer outra direção distinta do verdadeiro norte. Isso provoca uma alteração nos músculos, como quando passamos de um lugar quente para um frio e tentamos para guardar o calor, ao mudar de uma zona neutra eletrostaticamente ou eletromagneticamente a uma zona com mais radiação, o corpo reage protegendo-se. O que fazemos com as varetas, não é que sejam mágicas nem detectam água, mas ampliam a percepção da musculatura do corpo.

Mariano Bueno

A fricção da água subterrânea em movimento contra as superfícies que a limitam, produzem correntes elétricas que se deslocam no mesmo sentido que a água gerando assim um campo magnético. Também a água é pouco permeável ao magnetismo (diamagnetita), o qual traz como consequência uma maior concentração de linhas de campo magnético terrestre nos bordes da água. Quando os nêutrons se chocam com as moléculas de água, freiam e produzem radiação gamma. Um tríplice cruze, ou seja, duas linhas H mais uma de água, conhecida como um ponto Câncer.

### **As Energias Telúricas e as Pessoas**

Pessoas que vivem em falhas geopáticas aumentam a agressividade. Bebês e meninos ao tentar fugir da zona caem da cama, amanhecem em poses raras ou procuram com frequência o dormitório dos pais. As pessoas que trabalham sobre franjas acusam: baixo rendimento falta de concentração, esgotamento e enxaquecas. Em geral segundo a maior ou menor intensidade das radiações, o tempo de permanência sobre as mesmas, predisposição de cada pessoa, pode afetar-se de: Reumatismo, problemas circulatórios, infecções e bronquites, Artroses, Alzheimer, Mal de Parkinson, Úlceras e Tumores. Em geral estas infecções não têm explicação médica. Kate Bachler (Salzburgo, Austria) checou 3500 meninos com relação a zonas patogênicas por problemas crônicos de saúde, comportamento e aprendizagem. As mesmas afetam os meninos através do cansaço, falta de apetite, desconcentração, desinteresse, agressividade e obstinação, sonhos agitados e pesadelos. Crianças agitadas, anêmicas, desejosas de mudar de cama ou dormir no sofá.

### **As Energias Telúricas e as Plantas**

A maioria das plantas necessita para seu bom desenvolvimento lugares livre de radiações telúricas. Uma árvore plantada em uma zona inadequada para ela se desenvolve mal, nas franjas de ditas radiações sobrevivem e nos cruzeiros (centros de maior energia) morrem. Suas raízes crescem

caoticamente, criam tumores, os resinosos apresentam rachaduras ou ramificações de seus troncos, Outros crescem torcidos. Porém existem algumas espécies de árvores, que pelo contrario necessitam dessas radiações e só prosperam se estão sobre um cruce de linhas Hartmann ou de veias de água. Também existem algumas plantas, entre elas algumas medicinais, que crescem sobre cruces de radiação, como por exemplo: helechos, o muérdago, a urtiga, a arruda, o aloe, etc. As batatas depositadas em sôtãos radiados apodrecem, os vinhos perdem qualidade e as sementes seu poder germinativo. Em resumo, caracteriza esta zona: presença de formigas e outros insetos, árvores e troncos retorcidos, inclinados, com tumores ou débeis. Plantas amarelas fora do outono, animais agressivos, desvitalizados, etc.

A maioria das espécies hortícolas é sensível as radiações e ao fazer as plantações deveria evitar as linhas e seus cruces colocando-as dentro dos retângulos formados por estas. No que se refere ao cultivo de FRUTAS se aplica o mesmo sistema, alternando-os com linhas de cultivos hortícolas, tendo em conta a sensibilidade a estas energias ou a apetência para elas.

Resistem: abeto, acácia, castanhao, encina, ficus, fresno, roble, saúco.

As toleram: avelã, ciruelo, chopo, higuera, amoreira, videira.

São muito sensíveis e adoecem: cereja, melão, nogal, olmo, pêra, banana, tilo, tuia.

Nos marcos da plantação, mais que as medidas exatas, levar em conta que a árvore deve ficar no centro das redes Hartmann. Como um complemento a horta e como ajuda a polinização das fruteiras teremos também algumas colméias, como observamos que também reagem ante os campos magnéticos, as situaremos em zonas geopatógenas e em cruces das redes Hartmann quando desejemos uma maior produtividade e uma maior resistência ante as adversidades e enfermidades.

Como conseqüência dos estudos que venho realizando nos últimos anos, observei que existe uma correlação entre a presença de uma ou varias destas alterações energéticas e a incidência de:

Ervas Más, já que se fomentam em especial todas as que tem espinhos, como abrojos, cardos, juncos, etc.

Fungos e bactérias, tanto em plantas menores como em árvores.

Deficiências em oligoelementos, como por exemplo, o bloqueio do ferro.

Pragas de insetos e outros animais, como pulgões, coleópteros, formigas, caracóis, ratos e ratões, etc.

Fonte: Isidoro Zudaire. Agricultor Ecológico. Guadalajara Tel: 911 22 09 25

Energias Telúricas e a Vida Animal

De modo geral:

Não gostam destes lugares: vacas, cavalos e cães. Tão pouco gostam deles as aves domesticas e os pássaros. Gostam destas radiações: os gatos, ratos, formigas, abelhas e vespas, aranhas, serpentes, mosquitos e baratas.

Carlos Rodríguez Geobiólogo solraca63@hotmail.com 099.152.953 Asesor Técnico Resonancia Biológica para la Salud Uruguay (Alemanha)

### **ANIMAIS ;MÁGICOS?**

O gato tem sua polaridade energética igual ao bruxo, e se comporta ao contrario da gente comum ante os lugares insalubres e as geopatías, o felino busca os lugares perturbados por energias telúricas e se encontra muito a gosto neles, observando os lugares preferidos por uma gata para parir e criar seus filhos constatamos que estão com muita freqüência em um lugar altamente geopatógeno. Outros animais ligados a bruxaria e aos rituais ocultos, como o morcego ou a serpente, também preferem os lugares fortemente alterados por energias telúricas, os que chamamos Saídas dos Demônios.

Igualmente as abelhas como os cupins, preferem para situar seu novo enxame um lugar fortemente impregnado de energias telúricas, como as veias do Dragão, a nova abelha rainha em sua migração, guiará toda sua prole, com sua extraordinária sensibilidade geomagnética, a situar-se preferentemente naquele lugar que chamamos um ponto câncer. Devido a isto os apicultores recorrem com frequência ao geo-biólogo para determinar o lugar exato (deve ser determinado com precisão de  $\pm 10$  cm), onde situar as colméias, que estão melhores em um cruze da Rede de Hartmann e melhor sobre uma falha ou uma veia de água subterrânea, nesta localização as abelhas trabalharão intensamente e produzirão mel sem descanso, 50% e até 100% mais do normal e estarão livres da temível varroa, com grandes benefícios econômicos.

Pelo contrario, o cão e todos os animais econômicos, os animais domésticos, tradicionalmente ligados ao trabalho humano, como a ovelha, o cavalo e a vaca fogem dos locais perturbados e seguindo seu instinto buscam como nós o bom sitio, um lugar são livre de perturbações telúricas. É conhecido o ritual dos nômades e pastores ambulantes de todas as culturas, que ainda podemos observar entre os tuaregs do Saara, o pastor instalará sua tenda sempre em um bom sitio, observando aonde se deita o cão ao final da jornada, dormir aí com a cabeça voltada para o Norte garantirá o perfeito descanso depois de uma jornada exaustiva.

Na Holanda as vacas leiteiras são alojadas em estábulos fora das zonas perturbadas a nível telúrico, pois os bons fazendeiros sabem que uma vaca sobre uma veia de água ou outra geopatía produz pouco leite e corre o risco de adoecer. As forças telúricas da terra produzem múltiplos transtornos nos seres vivos, inclusive mutações vegetais, tumores mais ou menos malignos, enfermidades mentais, porém mais conectados com a natureza do que nós, todos os seres vivos, vegetais e animais, detectam estas sutis energias telúricas, e se estão em liberdade tratam de evitar, pois estão sempre em conexão com a terra.

Carlos M. Requejo.

### **OS ANIMAIS: ¿EXPERTOS EM DETETAR RADIACÕES?**

Observar o comportamento de alguns animais pode ajudar a detectar com facilidade as localizações das energias telúricas e as radiações eletromagnéticas, tanto as naturais como as provocadas pelo homem. Os animais e as plantas são muito mais sensíveis as emissões de energia que os seres humanos. Seja por instinto, sexto sentido ou identificação com as forças da natureza, o certo é que os animais possuem uma capacidade especial para detectar as energias sutis da Terra, um dom que, como se assinalou anteriormente, já era conhecido pelos povos da antigüidade e que também foi possível constatar-se na atualidade por numerosos estudos científicos, assim como por diversos feitos históricos (por exemplo, o latido ou a inquietação dos cachorros antes de algum devastador terremoto).

Os cães evitam as influencias nociva, e rejeitam um lugar determinado, na casa ou ao ar livre, é sinal evidente de que este desprende energias negativas. As vacas, jamais permanecem muito tempo em lugares doentios, e si se vêem obrigadas a fazê-lo dão menos leite, o pelo se torna grosso e inclusive podem se tornar estéreis. Em zonas geo-patógenas, as galinhas sofrem perda de plumas e leucemia; os cavalos padecem de enfermidades cardíacas, cegueira e reumatismo; ovelhas e porcos são afetadas no fígado (os augures romanos e de outros povos antigos se especializaram na análise das vísceras desses animais).

Sem dúvida, assim como os animais de granja mais comuns escolhem os lugares benéficos, existem outros muitos que preferem os que desprendem energias negativas. Assim por exemplo, as formigas sentem especial predileção pelas cruzes telúricas e as interseções da rede Hartmann, e instalam seus formigueiros justo onde estes fazem ressonância com as correntes de água ou as falhas do subsolo (por certo, essa atração pelas ondas nocivas é um ótimo indicador para os agricultores, na hora de localizar poços, correntes ou veias de água subterrânea). Em quanto às abelhas, produzem o dobro ou o triplo de mel quando suas colméias estão situadas sobre lugares doentios.

Por sua parte, outros animais domésticos tão comuns como são os gatos, tiram proveito dessas

energias terrestres ruins, reequilibrando as radiações através de sua pele e ‘absorvendo-as’, como se uma esponja natural fossem. O lugar ‘favorito’ do gato em uma casa é, precisamente, o contrario do que o cão escolherá para dormir ou descansar. É muito freqüente que os primeiros escolham seu local frente ao televisor, ou junto ao ordenador ou na cabeceira da cama, perto do radio despertador; ou que inclusive goste extraordinariamente de deitar-se em cima ou ao lado mesmo destes aparatos. As energias eletromagnéticas que podem afetar negativamente aos humanos, a eles não causam nenhum prejuízo. Se numerosos estudos têm demonstrado que os fios elétricos provocam radiações negativas com efeitos nocivos sobre a saúde humana, não é menos certo que outras investigações constatarem que televisores e outros aparatos de comunicação (inclusive os telefones portáteis que tanto se popularizaram ultimamente), secadores ou fornos microondas, também emitem radiações potencialmente perigosas, especialmente as de baixa freqüência. Também o crescimento e comportamento das plantas são afetados pelas radiações eletromagnéticas terrestres.

### **O SUICIDIO DAS BALEIAS ¿UM DILEMA?**

A historia dos encalhes é conhecida desde muitos séculos. Até muito pouco tempo não havia explicação para esta conduta tão estranha. Acreditava-se que provavelmente era devido a algum problema no sistema de navegação da baleia, que por sua vez, era também desconhecido. Os encalhes individuais e massivos foram considerados popularmente como suicídios, ainda que em realidade não se suicidem. Investigações recentes têm dado explicações razoáveis e convincentes a respeito. A investigação sobre os encalhes foi iniciada por cientistas da Gran Bretanha e dos Estados Unidos que, registraram encalhes que foram grafados posteriormente contra os campos magnéticos da terra. “Estes mapas magnéticos mostram através dos gráficos tanto a variação como a intensidade do campo. As variações são representadas por linhas de contorno de tal maneira que as áreas de alto magnetismo aparecem como colinas e as de baixo magnetismo se observam como vales. Na maioria dos encalhes estudados em principio, se encontraram que ocorriam onde os vales se inclinavam diretamente do mar para a costa. Este achado sensacional -reconhece Downer- sugere que as baleias navegam seguindo o mapa magnético do solo marinho. Sobre a terra as variações magnéticas são muito irregulares pelo relevo, enquanto que no fundo dos mares elas são mais regulares. As colinas e os vales magnéticos alargam-se por grandes distancias através do piso oceânico e as baleias aparentemente usam os contornos das linhas magnéticas como caminhos invisíveis. O método que usam para detectar essas pequenas variações no magnetismo permanece ainda um mistério, aceita o autor de referencia em sua publicação de 1990. Por: Yadira J. Palacios C

### **A GAIOLA DOS PÁSSAROS (Comentário)**

O esposo de uma amiga cria pássaros de raça (muitos campeões). Há dois meses ficou desempregado e aumentou o recinto para ter maior ingresso. Muitos começaram a adoecer com freqüência e não respondiam aos tratamentos que eram efetivos até então. Sofreu uma importante perda, e tanto ele como seus 2 veterinários estavam bastante desconcertados. Eram 20 anos de experiência que não serviam. Obviando os detalhes, lhe disseram para desocupar a área nova. Não teve problema em provar, dada a pancada que havia sofrido. Isso foi na semana passada. Esta manhã me disseram que todos os enfermos responderam rapidamente, não houve novos casos e alguns já estão completamente são antes do esperado.

### **As Energias Telúricas e as Abelhas**

(Comentário tirado da lista: GEA-Geobiología de Elistas) Inicia o intercambio de opiniões o Geobiólogo Carlos M Requejo. Tive algumas experiências em apicultura aplicando os princípios que estão expostos nas obras de meu amigo Mariano Bueno, presidente e fundador da GEA. A idéia básica é que se devem colocar as colméias sobre lugares telúricos ativos, e se baseia na observação das colméias silvestres freqüentemente alojados em ocos de árvores do raio, árvores com tumores, ou bem em gretas do terreno, todos eles locais singulares com forte atividade telúrica.

Podemos usar como estimuladores da colméia: Correntes de água, depósitos, falhas, ou melhor, ainda os NÓS da rede universal (Rede Hartmann), e sempre com o alvado voltado para o sul. (para

o hemisfério norte e ao norte para o hemisfério sul). Esta localização energética incrementa a atividade de pastoreio das operárias, incrementando a produção de mel até em 50%, e também se reforça o sistema imunológico da rainha e de toda a colméia, aumentando a resistência a varroa e outras enfermidades.

Parece que a localização sobre um lugar telúrico ativo, como bem sabem os yoguis e os ermitãos, aumenta a vibração biológica da colméia, permite a comunicação e a orientação geomagnética a maior distancia e incrementa o raio de coleta. Em função do clima e da latitude, se recomenda deslocar as colméias no inverno, um metro para o Sul fora do lugar ativo, para dar descanso as abelhas.

Un saludo muy cordial Carlos M. Requejo

Hola Carlos,

Desculpa minha intromissão, porém tenho uma dúvida: esta situação de localizar as colméias em lugares telúricos ativos para incrementar a atividade das abelhas também se pode aplicar as pessoas? Tinha entendido que estes lugares (os NÓS dos quais falas) são prejudiciais para a saúde. Agradeço de antemão a quem possa esclarecer esta dúvida.

Saludos; Felicidad Pérez

Hola Felicidad:

Existem muitos animais, que como as abelhas e as formigas, preferem os lugares telúricos ativos, entre eles podemos destacar o gato, o morcego, a coruja, a serpente casualmente todos eles relacionados com o "inferno", a bruxaria e o oculto. E isto pode se aplicar as pessoas, os lugares telúricos ativam a energia da mente e corpo, isso é sabido por qualquer chamam, bruxo ou sacerdote.

Não é por casualidade que todos os altares das igrejas antigas, como todos os lugares sagrados de todas as religiões, estão sobre um lugar altamente telúrico, muitas vezes sobre um antigo dólmen.

Desde a antigüidade se sabe que dormir em um local teluricamente ativo pode abrir as conexões com os deuses, a fim de ter sonhos premonitórios, como faziam as pitonisas. Em meu estudo geobiológico do Caminho de Santiago (1988) pude verificar isto em muitos lugares sagrados, e em especial no lugar onde San Millán de la Cogolla se fez santo (ver Monastério de Suso, La Rioja, cuna de la lengua castellana). No século VI, S. Millán passou a maior parte de sua vida como ermitão em uma cova, exatamente encima de uma intensa geopatía, claro que esse excesso energético o canalizava na oração, a disciplina e a cura de muitos enfermos... O que não é aconselhável para as pessoas "normais" é dormir de maneira habitual sobre uma geopatía, sobre todo se fores um preguiçoso, rotineiro e sedentário homo sapiens occidentalis. A energia telúrica em si mesma não é má nem boa, só pode ser excessiva para teu nível de metabolismo e de consciência, porém se fores gato, chamam ou santo, não tens nenhum problema, ao contrario. Um saludo muito telúrico: Carlos M. Requejo (extraído de la lista GEA-Geobiología de Elistas).

## **Como se determina as Energías Telúricas**

### **¿O Qué é a Radiestesia?**

A palavra RADIESTESIA significa "Sensibilidade as Radiações" e deriva da palavra latina "radius", que significa raio, radiação, e da palavra grega "aisthesis", que significa sensibilidade. O termo foi introduzido em 1930 por um sacerdote francês, o abade Alexis Bouly, quem considerava que a palavra "rabdomancia" (de "rbdos" = rama, varinha; e "mancia" = adivinhação) que se usava então, não era correta, pois não se tratava de nenhuma adivinhação, e sim de uma sensibilidade muito especial de certas pessoas capazes de perceber energias muito sutis. A palavra Radiestesia significa "sensibilidade as radiações" Sabemos que "sensibilidade" é a capacidade de sentir. ¿Mais o que se entende por radiações?

Tudo o que existe no Universo está composto por energia, que vibra em diferentes frequências. A propagação da energia no espaço é designada por "radiações", algumas das quais são percebidas

pelos sentidos, como a luz (cores), sons, o calor. Existem outras que podem ser apreciadas pelas pessoas que desenvolveram a sensibilidade radiestésica, uma espécie de sexto sentido. Os instrumentos que se usam – pêndulos ou varas - funcionam como amplificadores de pequenas e quase imperceptíveis, reações neuromusculares imprimidas pelo subconsciente ao braço, no caso do pêndulo, e aos braços no caso das varinhas, em função do objeto de busca ou das perguntas efetuadas. As respostas são dadas e interpretadas pelos movimentos próprios dos instrumentos através de uma linguagem preestabelecida e convencionalizada que, por isso mesmo, se chama de “convenção mental”.

Na prática utilizaremos testigos (testemunhos = mostra ou representações daquilo que se busca) que ajudam ao operador a estabelecer uma conexão ou relação e uma sintonia com o objeto da busca, seguindo o seguinte princípio: “O semelhante atrai o semelhante”. Para a comunicação que se estabelece entre o consciente e o subconsciente do operador, no ato radiestésico, é muito importante desenvolver e equilibrar, através de exercícios específicos, as duas funções dos hemisférios cerebrais: a racional e a intuitiva. A Radiestesia se aprende tal como a música, ou o desenvolvimento de qualquer outra arte. Para praticá-la pouco importa a idade ou o sexo; o que é preciso é a perseverança e a assiduidade no trabalho. Cerca de 80 % das pessoas podem fazê-lo, com uma maior ou menor facilidade. O 20 % restante têm muitas dificuldades, principalmente por falta de concentração. Outro grande obstáculo é a convicção de que todas as respostas ou necessidades humanas se encontram fora da própria pessoa. Daí resulta a imobilização das potencialidades anímicas. Preconceitos e bloqueios mentais constituem outros tantos obstáculos na manifestação desta sensibilidade. Mais, quem queira, e se esforce, pode obter resultados que não deixam margem a dúvidas.

Descendente da antiga arte dos zahoríes, a Radiestesia tem um passado de milhares de anos. Nas paredes de algumas grutas localizadas no monte Atlas e na África do Sul, se encontram desenhadas figuras humanas que mostram a utilização da varinha já em tempos pré-históricos. José Alexandre Cotta.

A RADIESTESIA é uma disciplina muito Ampla, que abarca praticamente todos os aspectos de nossa vida e pode ser uma ajuda muito importante para toda classe de profissional, e para as pessoas leigas. Serve para:

- . Busca de águas subterrâneas.
- . Localização de minerais subterrâneos (petróleo, carvão, etc.).
- . Busca de pessoas ou objetos perdidos.
- . Caracterologia, orientação escolar e profissional, seleção de pessoal, etc.
- . Engenharia, física, química.
- . Medicina, biologia, homeopatia, farmacologia, herboristeria, etc.
- . Regimes alimentares e dietéticos.
- . Botânica, agricultura, jardinagem.
- . Geologia, arqueologia.
- . Geobiologia, detecção de radiações nocivas para a saúde.

Seriam necessários vários volumes de livros para abarcar todo esse amplo campo da RADIESTESIA. O aspecto mais conhecido é, provavelmente, a busca de águas subterrâneas; porém o aspecto mais importante é sem dúvida o que envolve nosso bem estar e nossa saúde. Este campo pertencente a GEOBIOLOGIA se ocupa da detecção das radiações nocivas para nossa saúde. Ingº. Guido Bassler.

### **Líneas Hartmann:**

#### **¿Cómo determinar os Cruzes?**

Se não temos cães, gatos, vacas ou cavalos para soltá-los por ali e observá-los vamos utilizar a própria sensibilidade. Poderíamos utilizar magnetômetros, magnetômetros de prótons e aparatos muito sensíveis para detectar essas anomalias geológicas, a presença de falhas, agora já existe um escâner tipo radar escâner. Existe um escâner russo, para correntes de águas subterrâneas e geologia



que passam por um terreno e te faz uma cartografia metro a metro de todo o que existe ali abaixo, até 70 metros de profundidade. São aparatos que custam muito dinheiro e se utilizam para prospecções geológicas. Poderíamos utilizar este ou outros aparatos, porém como econômica e tecnicamente a maioria não está preparada para essa tecnologia, o mais fácil é utilizar a própria sensibilidade do corpo, porque ao fim das contas o que nos interessa saber não é que existe debaixo de meus pés ou o que existe aí e sim como me afeta o que existe..

¿Como me afeta?: A forma mais simples é com estas varinhas em formato de "ele" ou um pêndulo ou a varinha de zahorí de toda a vida, essa de madeira, que criam uma tensão estável enquanto vais caminhando, porém ao chegar a uma zona onde existe maior tensão; salta. O pêndulo, que é qualquer coisa que tenha certo peso, certo equilíbrio, lhe ponho uma corrente e quando está em uma zona neutra o normal é que fique quieto salvo que sejas muito nervoso. Se vais caminhando relaxado e existem locais onde começa a mover-se, alguns de forma muito clara, estaria amplificando a resposta neuromuscular de nosso corpo, está transmitindo como responde nosso corpo a energia do lugar. Para mim o mais fácil é com as varinhas "ELE"(L)-(e de fato existe um livro de Pierre Rocard, físico francês e um prêmio de física de Pierre Rocard que foi tio do político francês. Este homem fez um tratado nos anos sessenta contra a Radiestesia e nos anos oitenta publicou um livro a favor da Radiestesia, ou seja que é um convertido). Este homem provou que as varinhas em "ele" (L) eram as mais sensíveis, as que melhor amplificavam as respostas do corpo.

O importante é que mantenhamos o equilíbrio, que as leve sem apertar demasiado, de forma ligeira. Vais caminhando e enquanto tua musculatura está relaxada, (para isso tens que estar relaxado previamente, se tomastes três cafés não funciona muito bem)- e quando teu corpo começa a notar que algo o agride começa uma contração de músculos que vai amplificar nas varinhas como resposta e fazer que se cruzem, não é uma força mágica a que as move, é tua própria musculatura que se contrai, então saindo daí voltam a se por retas. Com um pouco de prática isto é como quando aprendemos a dirigir, no principio nos equivocávamos, confundíamos a embreagem com o freio, as marchas rasgavam, ou seja, havia toda uma série de tropeços. A primeira vez que tomas umas varinhas pensas; é que não sou eu, são minhas mãos, não sei o que e dais mil voltas e na medida que vais praticando e esqueças de tudo e, simplesmente andes como um menino com um brinquedo sem demasiadas idéias prévias e digo isto por que em meus Cursos me dei conta de que existem gente tão racional e que tem um controle tão total sobre seu corpo e sobre sua musculatura que não existe forma de que eles se movam.. Tenho visto gente que diz "em mim isso não funciona" em zonas nas quais todo o mundo se cruzava (as varinhas) e tenho visto passar assim com as varinhas e de repente ficar olhando alguém e as varinhas cruzar-se. No momento que deixam de controlar o corpo responde, porém se estamos demasiado pendentes e bloqueamos, não funciona.: Por Mariano Bueno.

### **Exploração Das Linhas: O Equipamento**

Necessitam-se duas varetas em forma de "L" e duas canetas esferográficas.

As varetas serão de arame grosso. O lado maior do "L" é de aproximadamente 40 centímetros (400 milímetros), e o menor de uns 12 centímetros (120 milímetros). Uns poucos milímetros a mais ou a menos não tem importância. Uma forma muito prática de fazer as varetas é a partir de dois pedaços de arame, cortados com as dimensões antes indicadas. Se não se dispõe de pedaços de arame, pode usar qualquer tipo de arame metálico, sempre que seja o suficientemente rígido como para manter a forma de "L". Então pegamos as duas esferográficas baratas, tiramos a ponta e a carga de tinta, e ficamos sós com a carcaça plástica exterior. Inserimos os lados menores do "L" de nossas varinhas no interior das carcaças das esferográficas. É tudo o que precisaremos para explorar linhas.

**IMPORTANTE:** as varetas devem poder girar livremente no interior das carcaças das canetas, pelo que temos de assegurar que:

Fizemos o ângulo de 90° entre ambos os lados da vareta de forma clara, e não com uma curva progressiva.

A cada lado da "L" o arame está tão reto como seja possível. Se o lado menor da vareta está dobrado, mesmo que ligeiramente, poderá dar lugar a uma fricção indesejada que impedirá o livre movimento da vareta. Sugiro que deixem estas varetas com suas carcaças no maleteiro do carro, de modo que esteja a mão sempre que precisemos explorar linhas.

## **Técnica de exploração de Linhas**

### **METODO SEGUNDO METATRON**

Tomemos uma vareta com cada mão, mais ou menos a altura do umbigo. As tomamos como se fossem pistolas, teremos a altura adequada e, provavelmente, também a consciência correta do ventre: uma vez mais, não é a ocasião para estar pelas nuvens, sim bem conectado a terra em vibração.

Um erro muito corrente consiste em bloquear as varetas com os polegares. As varetas devem girar livremente. Começaremos a caminhar lentamente, como um tigre, com uma forte consciência da vibração, tanto no olho como debaixo do umbigo. Manteremos nossas mãos firmes, para evitar qualquer movimento das varetas. As varetas apontam para a frente firmes. Se balançam, deveria ser um sinal de que existe uma linha, e não devido a nossos próprios movimentos ao andar. Não devemos bloquear as varetas com os polegares, devem estar livres. Temos de estar sintonizados com qualquer sensação que puder provir de nosso ventre. Seguiremos respirando com a fricção na garganta, caminhando lentamente:

1. As varetas balançarão e se posicionarão paralelas a linha. Para determinar a posição da linha, bastará olhar a direção apontada pelas varetas. Não influi nada o fato de que as varetas girem a direita, a esquerda, ou cada uma para um lado.

2. Quando se cruza uma linha, justo uma fração de segundo antes de girar a vareta, pode-se sentir uma sensação muito "física" no ventre. É o que denomino o "sinal do ventre". Em realidade não é uma sensação muito agradável. Quanto mais tóxica seja a linha, mais incômodos sentiremos em nosso ventre. É um modo simples de determinar o grau de toxicidade de uma linha. Tão pronto tenhamos uma idéia aproximada da orientação geral da malha, é preferível que caminhemos em uma direção perpendicular as linhas. Então a rotação das varetas cada vez que cruzemos as linhas será mais clara. (Se caminharmos quase em paralelo as linhas, as varetas apenas girariam no momento crucial de atravessá-las). É recomendável levar um rolo de cinta adesiva, a qual prendemos no solo cada vez que cruzemos uma linha, para assim melhor recordar sua posição. Dado que as linhas formam uma malha aproximadamente perpendicular, com frequência acharemos dois grupos de linhas, sendo as de um grupo perpendiculares as do outro. Uma vez tenhamos explorado todas as linhas de um grupo, passaremos a caminhar perpendicularmente as mesmas, para explorar a outra parte da malha.

¿O que ocorre se encontramos uma linha que não encaixa na malha, como por exemplo uma linha diagonal? Isto indicaria que localizou algo aderido a malha natural, como um cabo elétrico, um tubo de água, ou inclusive uma corrente de água subterrânea. Então é preciso ir (ainda mais) ao olho, sintonizar com a linha e tratar de averiguar o que é.. Geralmente os cabos elétricos geram linhas moderadas. A água subterrânea cria o tipo de linhas que nos põem enfermos quando os sintonizamos. Os tubos de água estão mais ou menos entre ambas, em função do volume de água que circule pelos mesmos.

### **Exploração de linhas:**

#### **\* O que deve ser feito ou evitado:**

\* Se as varetas começam a girar antes de começar a caminhar, ¡consideremos a possibilidade de que efetivamente estarmos sobre uma linha! Caminhemos um ou dois passos e comecemos de novo.

\* Suponhamos que encontremos uma linha originada por um cabo e não existe cabo algum debaixo

do solo, ¿o que significa isto? ¡Possivelmente o cabo está no teto! As linhas no solo são geradas acima de um cabo ou tubulação, e também por baixo dos mesmos.

\* Não é conveniente explorar linhas durante um período de tempo demasiado prolongado e no mesmo dia. A menos que estejamos bem treinados, a prática pode ser desgastante si se prolonga durante mais de meia hora. Isto se deve a uma simples razão: para perceber algo, temos de sintonizar com ele. Si se pretende explorar linhas, é preciso se conectar com sua energia. Dado que estas linhas são nocivas por natureza, facilmente podemos entender por que sua exploração é um esporte esgotador. Por esta razão não é aconselhável explorar linhas quando estivermos com baixa energia ou deprimidos. A exploração de linhas não é uma boa atividade para mulheres grávidas ou para crianças.

\* Depois de explorar linhas é preciso lavar as mãos com água corrente durante um tempo suficientemente grande, de acordo com o método descrito na seção 4.12. Tomar banho é mais indicado.

\* Existem numerosas associações de zahoríes e de exploradores de linhas, a maioria das quais organizam dias no campo para buscar linhas de terra. Seria uma boa ideia nos unir a uma delas durante um ou dois domingos, com o fim de comprovar que nossa técnica de exploração é exata. De METATRON (Tecnología, Ciencia y Espiritualidad. <http://www.metatron-galactron.com/radiaciones.html>)

## **METODO DE ARMANDO GONZALEZ**

Apicultor de Mar Del Plata, Buenos Aires, Argentina.: [argonza@uolsinectis.com.ar](mailto:argonza@uolsinectis.com.ar)

¿Como interpretar o movimento das varetas? E sua relação com a localização das colméias? Para trabalhar com as varetas em “L” é necessário tomá-las suavemente, de forma relaxada, paralelas entre si e ambas horizontais (Os extremos menores verticais e a uma altura entre o peito e o abdome). Em estado receptivo as varetas reagem cruzando-se ou separando-se ao passar por uma zona de radiação e a sua posição inicial ao sair dela.

¿Como interpretar seus movimentos?

1. Quando as varetas apontam para frente do operador: indiferença. Não coloque colméias.

2. Se abrem para a direita e a outra para a esquerda do operador (se separam), divergência, não coloque colméias

3. As duas varetas juntas mantendo paralelismo entre si giram para a direita do operador: significa linha de Hartmann NS (-), linha de Curry (-) = veia de água

4. As duas varetas juntas mantendo o paralelismo entre si, giram para a esquerda do operador: significam linha de Hartmann EO (+), linha de Curry (+), veia de água

5. Se fecham ou se cruzam diante do operador: Convergência. Localizar colméia aí.

Aconselho que para encontrar as cruces de vareta, quando estas girem ambas para um só lado, não importa para que lado (Estão paralelas) tome essa direção e verá como encontrará os cruces em unas distancias entre um metro e um metro y médio aproximadamente. Un consejo de “oro”. Comprove localizando as varetas em cima de um formigueiro e verá como estas se cruzam em 100% dos casos. Nesse lugar, posso dizer que (Após previa destruição do formigueiro e nivelamento do solo) sem duvidar localize uma colméia... E sempre... ¡Sempre!!! Ponha as colméias orientadas no sentido dos quadros Norte- Sul. E mais si se posiciona as varetas acima do caminho das formigas verá como as varetas giram ambas para a esquerda. Ou para a direita, isto significa que as formigas seguem as veias de água subterrâneas.

As linhas de Hartmann, e Curry atuam como verdadeiras avenidas de trânsito para os insetos...

¿Adivinhe as aranhas em que posição constroem suas teias para capturar mais

insetos?...Perpendiculares a estas linhas...Comprove e depois me conte. Comentários: Em Agosto de 2005, realoquei por Radiestesia as colméias (60) em um apiário que tenho a 2 kms da costa.

Nessa operação comprovei que as melhores colméias estavam posicionadas em cruces rediestésicos

(aprox.10) as demais Não. Qual foi minha surpresa ao comprovar que nos formigueiros “sempre se cruzavam as varetas; liquidei todos (7) e coloquei colméias nesse mesmo lugar, as restantes em outros cruze detectados pelas varetas. Não tive que fazer demasiadas mudanças mas a diferença de uns poucos metros me permite dizer com satisfação que hoje 9 de Agosto de 2006 tenho 59 colméias e 22 núcleos (Neste mesmo apiário) que revisei em Fevereiro deste ano. Sim amigo morreu uma só colméia que vale dizer tinha uma rainha velha, as demais todas vivas e algumas são 2005 e as tenho em grau 1 . Minha mortalidade em outras oportunidades era de até 50%, chegando a ser no ano passado de 20%, hoje, neste apiário... 1,66%. Está bem, devo reconhecer que otimizei o estado sanitário e o manejo...porém “Não creio em bruxas mas que las hay...las hay”.

Isto não é bruxaria, amigo, é saber observar a natureza e respeitá-la, como disse em suas notas sobre “Voltar AO Natural”, com as quais concordo plenamente.

Outro dato mais: Os Núcleos, usei, tendo em conta o nascimento das rainhas para a Lua cheia (16 de Fevereiro), isto aprendi também com Daniel. Obvio que para um criador de rainhas não é muito comercial fazê-lo desta maneira, porém o que me aconteceu vai dar uma clara referencia sobre que tipo de rainhas obtive. Enxertei 40 larvas tendo em conta que elas nasceriam em plena “Lua Cheia” (Como já disse) . Das 40, nasceram 39, localizei os núcleos por Radiestesia para sua fecundação. 36 foram fecundadas no fim do mês. Não é sorte... É trabalho.

Sábado passado fui revisar o apiário após 2 Semanas da ultima visita (As duas semanas máis frias do ano até agora para esta zona com temperaturas de 0º chuvas e ventos) Qual foi minha surpresa ao ver que haviam voado 6 tetos dos núcleos (De 5 quadros) Disse...Bem 6 caixões para casita... porém não ¡Estavam vivas...vivas!, Obviamente totalmente pelotadas, com uma diminuição considerável em sua população, porém... vivas. Aí alimentei e pus um Paty de complemento de pólen... Si se salvam ou não já não é o tema (Espero que sim) o importante que tem isto é como em condições extremas e respeitando sua localização natural, podem resistir tanto.

Estou trabalhando com um lote experimental de colméias em posição “Caliente” e controle de varroa mediante introdução de ar quente. Se lhe interessa mando minhas experiências. Atualmente todas as colméias dos meus apiários estão localizadas por Radiestesia. É um dado importante saber que estas localizações não são fixas, podem variar com o tempo, devido a correntes eletromagnéticas ou tormentas solares. Em fins de 2004 com o corrimto de 1/2º grado no eixo da terra devido ao grande temor submarino ocorrido perto da ilha de Sumatra e que ocasionou a terrível tragédia da Indonésia, estes pontos variaram sensivelmente em sua localização. Com isto quero dizer que tem que ocorrer coisas bastante graves a nível “Natureza” para mudar nossas colméias de lugar uma vez alocadas por Radiestesia.

¡¡Ah!!! Não lhe disse nada com respeito a produção de mel destas colméias, tive um aumento de aproximadamente 60%. Olho que por este faturamento o ano foi bom, contrariamente a grande generalidade do resto do país, isto é valido esclarecer para que no exista expectativas desmedidas ou fantasiosas com respeito ao tema “Radiestesia”, já que vi sorrisos sarcásticos ou de gozação” quando falo disto. E bom...que riam...não existe pior cego que um...apicultor extremadamente tecnificado”.

Para terminar, Você sabe bem que as experiências em apicultura são avaliadas de um ano para o outro (Lamentavelmente são períodos muito longos, porém isto é assim), Se me permite...lhe aconselho tomar um lote de colméias como fiz, (sem por toda a carne a assar) e comprove-o por si mesmo, já que seus campos, localização geográfica, medias térmicas, promedias, etc. como é obvio dizer não são os mesmos que os meus. Prove e depois me conte. Me despeço com um forte abraço, reiterando as gracias por suas notas e utilizando este presente a modo de agradecimento pelas mesmas.

Saludos

Armando González. Mar del Plata argonza@uolsinectis.com.ar

Armando:

Estive tratando de aprender a determinar os cruze com meu filho e descobri que ele é muito mais receptivo. Antes de tudo devo informar que ele é surdo. O que me chamou a atenção é que ao caminhar de este ao oeste as varetas vão mudando de posição a cada 2 m aproximadamente, em uma convergem e logo se separam. Caminhando depois de norte ao sul e seguindo esses pontos, localizamos os cruze que são inconfundíveis. O que não identifico bem é em que momento se colocam paralelas para um dos lados. Em um apiário me chamou a atenção o fato de encontrar as linhas a cada 8 a 9 m porém duas juntas em sentido este ao oeste e de norte ao sul a cada 2 m aproximadamente. Essas linhas tão juntas a uns 1.5 m são linhas ou é uma só linha mais larga?.

Vou a provar sobre o cupinzeiro com alas varetas. Interessa que comentos sobre a utilização das colméias em exposição "caliente". Obrigado por participar do grupo "Apinatura". Até logo, um abraço. Orlando Valega

Estimado Orlando:

A resposta a sua pergunta tenho em um CD dado por Daniel Rivitti, lamentavelmente não posso mandar via e-mail porque é demasiado pesado. Tratarei de ajudá-lo com respeito as linhas que você tem duvidas si são largas ou estão demasiado juntas. Amigo, está sobre uma veia de água de muita atividade que origina essa particularidade. Olhe, Daniel no vídeo mostra (As vi pessoalmente e na cabana de um colega de Mar Del Plata, também passou) que quando se origina este tipo de linha, busque outra das mesmas características em sentido perpendicular...si logo se produz um cruze, não duvide um segundo (Não em por uma colméia), em por uma caixa de captura. No apiário de Daniel existe um cruze deste tipo, e pus um que por temporada (Segundo ele) entram aproximadamente 10 (Dez), na cabana do meu amigo e colega (Carlos Lizarazu) encontramos um cruze destas características e também instalamos caixa de captura nessa posição (Todavia sem resultados para constatar, dado que o fizemos aproximadamente a um mes...) Com muito gosto, ao fim da temporada comento empiricamente quais foram os resultados (É incrível, que até agora em meus apiários não tenha encontrado nenhuma linha destas características e você sim, considere-se mais que afortunado). Algo importante, que me esqueci de comentar, os tetos com cobertura de chapa não são muito convenientes para "otimizar" os resultados das colméias posicionadas por Radiestesia, nem as telas excludoras...

Obviamente não realizei nenhum cambio de tetos de maneira indiscriminada, porém, se comprar ou fazer, sim serão de madeira. E mas, a maioria de meus tetos são com cobertura de chapa, e muito poucos americanos (Até agora), e como comentei anteriormente, estou mais que satisfeito com os resultados obtidos. Vou tirar umas fotos de minhas colméias em exposição caliente, com dupla entrada no piso e no teto e mandá-las.

Um abraço

Armando González. Mar del Plata. argonza@uolsinectis.com.ar

### **METODO DE JUAN ANDRES RIVAS**

Apicultor de La Pampa, Argentina : rivasjuanandres@yahoo.com.ar

Estimado Juan:

Das linhas de Hartmann e Curry sei o pouco do que se publica nos meios e quanto mais me informo e agora, depois de ler teu comentário, me dou conta do pouco que sabemos realmente da natureza e da vida das abelhas. ¿Poderias explicar-me mais em detalhes como determinam o lugar em que se cruzam as linhas? y ¿onde se deve posicionar as colméias? Seria muito interessante poder ter no grupo Daniel Rivitti ¿Que te parece?. Até logo, um abraço.

Orlando Valega

Estimado Orlando, concordo com o Daniel, o que passa é que por este meio é muito difícil as técnicas que requerem muita prática. De todas as maneiras vou tratar de ser o mais claro possível.

As linhas de Hartmann, são linhas que correm no sentido N-S (aparentemente magnéticas) e E-O (aparentemente elétricas). As primeiras são geradas pela ação dos Pólos e as segundas pelo giro da terra. Estas linhas têm uma largura e separação entre elas muito variáveis (segundo um montão de fatores, como ser material da terra, presença de plantas, água, etc.), porém podemos dizer que existem de entre 20 cm e 2 m e separadas entre si mas o menos de igual maneira (entre 0.2 y 2m). O que temos observado é que em geral aqui em meus lotes (salvo exceções) “têm aproximadamente 0.5 m e separadas entre si 0.5-1 m entre elas”. Imagine que entre as N-S as E-O se gera uma quadricula, chamada "malha ou quadrícula de Hartman". Agora imaginariamente traslade essa quadrícula a qualquer apiário e poderá ver que existem muitos lugares atravessados por uma linha, outros por duas (uma N-S y outra E-O) formando um quadrado de 0.25 a 0.50 metro quadrado e outros locais onde não passa nenhuma destas linhas. Bom, agora o que se observou é que estas linhas favorecem a vida das abelhas. Por um lado se mantém e creio que podemos afirmar que se sabe que a abelha se orienta por magnetismo, encontrei muitos artigos de estudos científicos que afirmam isto. Ademais estas linhas se interpretam como Energia e se aceita que a abelha é favorecida por esta energia e naturalmente busca esses lugares carregados energeticamente. ¿Quais? Os que se encontram onde existe um cruce de linhas (uma N-S com uma E-O) ou seja, que em meus apiários hoje, se não tivermos cometidos erros, todas as colméias se encontram em um cruce de linhas. Não tivemos que fazer grandes modificações nos apiários, simplesmente mudar as colméias uns centímetros para frente ou para trás ou para os lados. Tínhamos medo pela mudança e a confusão pelo deslocamentos porém nada disso ocorreu.

Com respeito as Linhas Curry, são linhas similares porém mais espaçadas, em geral, creio que se encontram dois ou três seguidas e logo um espaço de 4 metros. A diferença com Hartmann ademais é o sentido, estas "correm" obliquas as primeiras, poderíamos dizer NE-SO ou NO-SE. Na realidade se consideram as Hartmann para a localização das colméias, porém algo sobre as Curry estou olhando para tratar de aprender algo mais. Isto é teórico, na realidade, estas linhas estão muito influenciadas por muitos fatores e deixam de ser tais as larguras e as separações, assim como também deixam de ser retas, por exemplo com a presença de plantas (copas) as linhas desviam e se produzem modificações.

¿Como determiná-las? Aqui vem o difícil por este meio, para isto é melhor que estabeleça relação com Daniel e coordene com ele alguma jornada, porém tratarei de fazê-lo gráfico.

Instrumental; Ainda que se posse valer de um pêndulo, o mais prático são as "varetas L". Estas são 2, de arame (doce, cobre, etc.), realiza uma "ele" com um arame de uma extensão total de 50 cm aproximadamente, colocado o lado menor da "ele" dentro de um tubo plástico (tubinho de uma caneta esferográfica) para que ser tomado com as mãos não gere travas ao movimento.

Vejamos como se faz. Se tomam as varetas desde os tubos plásticos, se colocam as mãos diante de uma, com naturalidade, sem tensões e se começa a caminhar, As varetas basicamente tomarão três posições diferentes:

1. Se ao parar em um ponto, cada vareta se orienta oposta a outra, quer dizer formando um ângulo de 180° estamos parados em um ponto donde não corre nenhum tipo destas linhas.(É muito mal sitio para uma colméia, creiam-me, o pude experimentar).
2. Se caminharmos olhando para o leste, as varetas nos indicarão quando atravessemos uma linha N-S porque ambas ficarão "paralelas" indicando o sentido das mesmas, ou seja apontando ao norte ou ao sul, (é comum que se encontre uma linha onde as varetas indicam ao N e a seguinte onde indica ao S, isto estaria relacionado com o sentido das linhas quer dizer N-S ou S-N. Se caminhamos mirando ao N (ou S) encontraremos as E-O ( ou O-E) de igual maneira. (O uso de uma bússola para encontrar o Norte corretamente nos tem ajudado muito).
3. Existem sítios onde os arames (varetas) se cruzam, esse é o famoso cruce Hartmann e em realidade o que sucede é que uma vareta está marcando uma N-S e a outra uma E-O, por isso se cruzam, tenhamos em conta que a direção das varetas tem que ser a correspondente com as linhas, assim se evitam confusões.

4. É preciso ter bem claro a localização do Norte, ainda que pareça sonso, tem sido necessário a utilização de uma bussola para evitar a confusão de linhas Hartmann com Curry.

Para determinar as linhas Curry, basta caminhar perpendicular as Hartmann, e de igual maneira, determinaremos as Curry. Para maior complicação, segundo Daniel, estão acontecendo câmbios a nível global que afetam as linhas (tormentas magnéticas) e produzem deslocamento das mesmas, ou seja que de vez em quando chequemos os apiários para ver se está tudo bem. Espero que tenha servido ainda que seja para uma idéia, agora bem vale aclarar que se busca pela rede sai muito sobre isto, e a verdade é que existe muito verso também, a mim gerou, mais duvidas do que certezas o que lia, e sobre tudo vai ver que inclusive existem alguns que dizem através da Radiestesia realizar adivinhações com um pêndulo. A verdade é que é preciso andar com muito cuidado.

Aparentemente o fato de que as varetas ou o pêndulo indiquem as linhas é uma resposta psíquica, quer dizer, sem notá-lo, nosso corpo percebe a presença destas linhas e induz involuntariamente as varetas, e por isso que nem todas as pessoas podem usá-las, porém se diz que 80 % das pessoas são capazes. Em nosso caso, somos 4 que andamos juntos, só um não podia medir, porém com muita prática vai encaminhando-se, os três restantes medimos sempre igual, inclusive lotes medidos por algum três dias antes foram checados por outro desconhecendo as medições previas e encontrou idêntico resultado. É necessário, naturalidade muita prática, com isto se logra medir de maneira segura. Hoje que estamos mudando novos apiários, demoramos aproximadamente uma hora para acomodar 100 colméias, segundo os dias, a geografia dos lugares e a presença ou não de plantas se faz mais rápido ou mais lerdo, porém considerando os resultados vistos, não duvidamos em perder mesmo que sejam três horas (como nos ocorreu uma vez) para colocar as colméias.

“Pelo equívoco comentido previamente, sobre a confusão de linhas Hartmann com Curry, temos localizado apiários por umas e por outras linhas. A raiz disto, ao passar os meses de inverno fizemos estas conclusões:

1. A linha Norte-Sul de Hartmann é vital para a colméia, a colônia de abelhas vai reduzindo até desaparecer por completo na ausência desta linha, dependerá o tamanho da colméia, a época do ano e a temporada, o tempo que demore em desaparecer por completo.
2. A colônia de abelhas

### **13. Agradecimentos**

Este Manual de Apicultura Extensiva Natural é em memória de meu mestre de apicultura Manuel Oksman, a quem devo aprender que em apicultura, o melhor sempre é o mais simples e prático.

Também quero agradecer aqui a minha família, que soube suportar o longo tempo que estive ausente, enquanto me ocupei a tempo integral de minhas atividades como encarregado do estabelecimento orgânico em Formosa.

E expressar todo meu afeto e agradecimento a Carlos Silvagno, meu sócio em apicultura, sem a ajuda de quem, sem duvida, não teria logrado expandir meu conhecimento nesta linda profissão.

Tampouco posso deixar de mencionar aos sábios aos quais devo minha formação de profundo respeito pela natureza, como Louis Kuhne da Alemanha, Manuel Lezaeta Acharán do Chile, Bruce Charles "Bill" Mollison, da Australia, pai da permacultura, Rudolf Steiner da Alemanha, Harvey e Marilyn Diamond dos Estados Unidos e o que maior influencia teve para que desenvolvesse esta técnica apícola: Masanobu Fukuoka do Japão, gênio da agricultura do não fazer.

### **CONSIDERAÇÕES:**

Com o intensivo estudo entre outros destes cinco pontos desenvolvidos até aqui, e de suas relações entre si durante muitos anos de prática apícola, fomos desenvolvendo uma nova e se querem revolucionaria técnica extensiva orgânica.

Nos sentimos orgulhosos discípulos de nosso mestre Manuel Oksman e sentimos a enorme satisfação da profundidade dos seus ensinamentos, e como corresponde, levar os conhecimentos que

nos legara, um pouco mais adiante e para cima, que é o mecanismo milenar com que se produz o progresso técnico humano.

Convidamos a nossos leitores a provar primeiro com uma pequena parte de seu apiário as técnicas que a continuação detalharemos (como recomendava Oksman, nunca se devem fazer provas com todo o apiário) e logo quando comprovem por si mesmos que funcionam, e se estão conformes, passar o resto a nova técnica.

Se conseguimos com o tempo que os que aprenderam nos ensinem, teremos logrado o sonho de todo bom docente.

**Obrigado a todos !!!!.**

Oscar Perone

Buenos Aires

Argentina

<http://oscarperone.blogspot.com/s>

<http://oscarperonenportugues.blogspot.com/>

Skype: oscarperone

[oscarperone@gmail.com](mailto:oscarperone@gmail.com)

celular: +54 011 32837346